

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

3º TRIMESTRE DE 2022

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

3º TRIMESTRE DE 2022



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa dos Santos

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Claúdio Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA
BAHIA – SEI

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

Jonatas Silva do Espírito Santo

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)

(Coordenação Geral)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Luiz Fernando Araújo Lobo

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS

(Coref)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)**

Pedro Marques de Santana (Agropecuária)

**Carla Janira Souza do Nascimento (Produção
Industrial)**

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz, Thiago Lima Bartolomeu e
Marcus Vinícius Souza P. dos Santos (Comércio
Exterior)**

**João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e
Marília Jane Campos (Finanças Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

EDITORIA-GERAL

Luzia Luna Pamponet

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL

EDITORIA DE ARTE

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO ORTOGRÁFICA

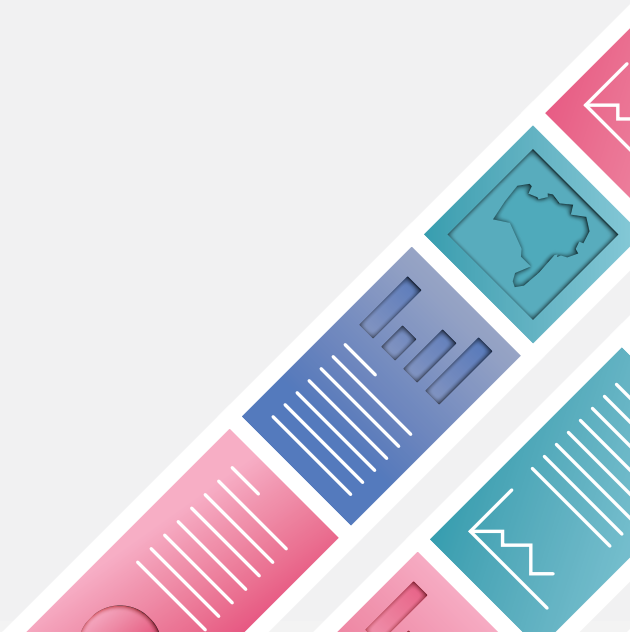
EDITORAÇÃO

EGBA

SUMÁRIO



Panorama Internacional, Nacional e Estadual.....	5
Internacional	5
Nacional	8
Estadual	12
Agropecuária.....	16
Cenário Bahia.....	16
Agricultura	16
Produção Industrial.....	20
Comércio Varejista	25
Serviços.....	32
Turismo.....	36
Comércio Exterior	39
Importações	46
Finanças Públicas.....	49
Produto Interno Bruto (PIB)	51
PIB Em Valor Corrente.....	51
Mercado De Trabalho	58



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

INTERNACIONAL

A atividade econômica global mostrou sinais de desaceleração no ritmo de crescimento no segundo trimestre. A expectativa de recessão nos Estados Unidos e na Europa somada ao menor crescimento chinês foram os principais motivos para a revisão da projeção do Produto Interno Bruto (PIB) mundial de 2022 para 2,6%.

A inflação seguiu como um dos principais problemas enfrentados pelas maiores economias do mundo. Para agravar esse problema econômico, veio a guerra da Ucrânia em fevereiro deste ano, elevando os preços das commodities, principalmente combustíveis, aumentando ainda mais a inflação, que bateu recordes em vários países. Dessa forma, o controle da inflação continuará demandando uma política monetária restritiva neste e no próximo ano.

Diante desse cenário de políticas contracionistas e de incerteza, algumas das principais economias do mundo registraram crescimento do PIB abaixo do esperado.

O crescimento econômico da China teve forte desaceleração no segundo trimestre, com aumento de apenas 0,4% em relação a 2021, abaixo das expectativas, conforme mostraram os dados oficiais. A atividade industrial e os gastos de consumidores do país foram afetados por lockdowns generalizados para conter os casos recordes da Covid-19.

O PIB dos Estados Unidos no segundo trimestre teve queda de 0,6%, segundo dados anualizados. Seguiu pelo segundo trimestre de baixa. No primeiro trimestre, a economia teve a primeira retração desde a recessão do início da pandemia, há dois anos. No quarto trimestre de 2021, a economia dos Estados Unidos cresceu a um ritmo robusto de 6,9%.

O crescimento econômico da zona do euro foi ligeiramente menos robusto no segundo trimestre, o PIB dos 19 países que utilizam o euro subiu 0,8% entre abril e junho em relação ao trimestre anterior, registrando avanço de 4,3% na comparação com o ano anterior. Esse resultado se deveu, em parte, aos desempenhos saudáveis na Espanha, França e Itália.

A economia do Japão recuperou-se a um ritmo mais lento do que o esperado no segundo trimestre depois das perdas causadas pela pandemia de Covid-19, destacando a incerteza sobre se o consumo crescerá o suficiente para impulsionar a recuperação. A terceira maior economia do mundo expandiu 2,2% entre abril e junho em taxa anualizada.

Como vimos, as duas maiores economias do mundo apresentaram resultados pífios no segundo trimestre: A China ficou praticamente estagnada com apenas 0,4% de crescimento; os Estados Unidos voltaram a apresentar queda pela segunda vez consecutiva, agora de 0,6% em bases anualizadas. Japão cresceu abaixo das expectativas e a zona do euro surpreendeu, embora as perspectivas para o segundo semestre não sejam animadoras.

A continuidade das políticas monetárias contracionistas, o agravamento da guerra Rússia-Ucrânia, continuaram afetando o desempenho econômico das maiores economias do mundo no terceiro trimestre.

A China se recuperou em um ritmo mais rápido do que o esperado no terceiro trimestre, mas as rigorosas restrições contra a Covid-19, uma crise imobiliária cada vez mais profunda e os riscos de recessão global estão desafiando os esforços de Pequim para promover um vigoroso renascimento ao longo do próximo ano. O PIB cresceu 3,9% no terceiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior, acelerando em relação ao ritmo de 0,4% no segundo trimestre. Apesar da recuperação, a economia está enfrentando desafios em múltiplas frentes no país e no exterior. A estratégia de Covid-zero e os problemas e a luta da China em seu setor imobiliário exacerbam a pressão externa da crise da Ucrânia e a desaceleração global devido ao aumento das taxas de juros para conter a inflação.

O PIB dos Estados Unidos se recuperou mais do que o esperado no terceiro trimestre, em meio a um declínio contínuo no déficit comercial, mas isso mascarou o real estado da saúde da economia, já que aumentos agressivos da taxa de juros por parte do Federal Reserve (Fed), o banco central americano, limitaram os gastos do consumidor. O PIB aumentou a uma taxa anualizada de 2,6% no terceiro trimestre, segundo o Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

O país americano interrompeu sequência de duas quedas trimestrais consecutivas na produção, o que havia levantado preocupações de que a economia estaria numa recessão, embora o efeito da política contracionista do Federal Reserve ainda não esteja refletido nos números. Argumentam os especialistas, de que vai haver necessidade de novas altas de juros para levar a inflação para a meta. A grande discussão nos Estados Unidos é até onde os juros serão elevados para conter a inflação, e qual a probabilidade dessa elevação acarretar uma retração forte da atividade, possivelmente levando a uma recessão no país.

A economia do Japão contraiu pela primeira vez em um ano no terceiro trimestre, refletindo a fraca demanda externa e uma lenta recuperação dos gastos privados em meio a temores persistentes sobre a Covid-19 e a inflação. A taxa anualizada foi de 1,2% no terceiro trimestre em relação ao trimestre anterior. Frente ao trimestre anterior, o PIB caiu 0,3%.

O consumo privado, que representa mais da metade da economia japonesa, a terceira maior do mundo, cresceu 0,3%, contra uma estimativa de crescimento de 0,2% e desacelerou fortemente em relação ao ganho de 1,2% do período anterior.

O PIB da zona do euro cresceu 0,2% no terceiro trimestre frente aos três meses imediatamente anteriores, registrando uma alta de 2,1% na comparação anual, informou o escritório de estatísticas Eurostat. O emprego nos 19 países que compartilham o euro também aumentou 0,2% em relação ao trimestre anterior, registrando crescimento de 1,7% em relação ao ano anterior. Esses resultados representam uma desaceleração em relação ao segundo trimestre.

De forma geral, a atividade do bloco europeu continua pressionada devido à alta inflação, que atingiu recorde de 10,7% em outubro, à crise energética e ao endurecimento das condições monetárias, com a alta de juros por parte do Banco Central Europeu. A Comissão Europeia espera que a economia encolha no quarto trimestre de 2022 e nos primeiros três meses de 2023 em face do aumento dos preços da energia e das taxas de juros, que abalam a confiança dos consumidores e empresários, reduzindo a atividade econômica.

Diante desses desempenhos das principais economias ao longo do ano de 2022, o Fundo Monetário Internacional (FMI), por meio do Panorama Econômico Mundial de outubro, revisou para baixo as taxas de crescimento global, em função da frustração com o desempenho corrente, principalmente nos Estados Unidos e China, em razão de uma conjuntura adversa e incerteza política constante. Uma inflação mais alta do que o previsto, sobretudo nos Estados Unidos e nas principais economias europeias, está provocando um aperto das condições financeiras mundiais. A desaceleração da economia chinesa tem sido pior do que o previsto, em meio a surtos de Covid-19 e lockdowns, e a guerra na Ucrânia gerou novas repercussões negativas. Como resultado, o FMI reduziu o crescimento do PIB mundial de 4,4% no relatório de abril para 3,2%, em outubro.

A perspectiva econômica global é ainda mais sombria do que a projetada no mês de outubro, segundo divulgou o FMI no mês de novembro, citando uma queda constante nas pesquisas de índices dos gerentes de compras nos últimos meses.

O fundo relatou como motivos o aperto da política monetária desencadeada pela inflação alta e ampla, o fraco impulso de crescimento na China e as interrupções contínuas no fornecimento e insegurança alimentar devido à invasão russa na Ucrânia. No mês passado, o FMI cortou sua previsão de crescimento global de 2023 para 2,7%, ante uma previsão anterior de 2,9%.

Em um blog preparado para uma cúpula de líderes do G20 na Indonésia, o FMI enunciou que indicadores recentes de alta frequência "confirmam que as perspectivas são mais sombrias", principalmente na Europa.

A instituição afirmou que os índices de gerentes de compras recentes, que medem a atividade de manufatura e serviços, sinalizaram fraqueza na maioria das 20 principais economias do G20, com a atividade econômica indicando contração enquanto a inflação permanece alta.

As leituras para uma parcela crescente de países do G20 caíram de território expansionista mais cedo neste ano para níveis que sinalizam contração, disse o fundo, acrescentando que a fragmentação global se somou à "uma confluência de riscos negativos".

Argumenta o FMI "os desafios que a economia global está enfrentando são imensos e o enfraquecimento dos indicadores econômicos apontam para mais desafios à frente", acrescentando que o atual ambiente é "extraordinariamente incerto".

Nacional

O Produto Interno Bruto (PIB) do terceiro trimestre confirmou os sinais de desaceleração da atividade econômica, após um primeiro semestre de expansão, puxado pelo setor de serviços, que representa cerca de 70% do PIB do país. Por outro lado, o mercado de trabalho continua aquecido no Brasil, conforme os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) sinalizando a criação de empregos formais entre julho e setembro.

A expectativa é que a economia brasileira continue desacelerando ao longo do segundo semestre, em virtude dos efeitos do processo de aperto monetário conduzido pelo Banco Central, da guerra da Rússia-Ucrânia e pelas restrições diante da possível terceira onda da pandemia da Covid-19. Ao longo do terceiro trimestre, os resultados das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram para uma redução do ritmo de crescimento dos principais setores da atividade econômica.

A produção industrial (indústria de transformação mais extrativa), diante das restrições externas, caiu 0,33% no terceiro trimestre em relação ao segundo. Em comparação ao terceiro trimestre de 2021, cresceu apenas 0,94%, com a principal influência positiva vindo do segmento de veículos automotores, reboques e carrocerias. No índice acumulado no ano (janeiro-setembro de 2022), houve queda de 1,1% e, nos últimos 12 meses, de 2,3%, refletindo as dificuldades em que o setor industrial permaneceu enfrentando, como o aumento nos custos de produção e a restrição a insumos importados.

Pode-se afirmar que há uma redução no ritmo da produção industrial. O que fica evidenciado não apenas nos dois meses (agosto e setembro) de queda em sequência, mas também na maior frequência de taxas negativas nos últimos quatro meses, com variações negativas.

Os efeitos da inflação e o aumento da taxa de juros contribuíram para que o comércio varejista apresentasse uma queda 1,1% no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre. Em relação ao mesmo trimestre de 2021, registrou um leve crescimento de 0,34%. No ano, o setor acumulou aumento de 0,8%, e, nos últimos 12 meses, queda de 0,7%. Essa queda aponta que o desempenho não foi homogêneo entre as atividades, com destaque para a recuperação das que registraram as maiores quedas durante a pandemia.

As duas atividades que puxaram o aumento no ano foram: Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, que tem o maior peso e faz o papel de ancoragem no resultado, e, em segundo lugar, Combustíveis e lubrificantes. Essas atividades também tiveram influência no varejo ampliado.

Conforme Cristiano Santos, gerente da pesquisa, a atividade de Combustíveis e lubrificantes está sendo influenciada pela queda nos preços, que faz com que a atividade tenha crescimento em volume. Esse é um cenário que persiste nos últimos três meses, com queda na receita nominal de 4,4% em julho, 3,8% em agosto e 6,2% em setembro. Mas o crescimento em volume vem diminuindo, tinha sido de 12,6% em julho, 3,8% em agosto e setembro de 1,3%.

No terceiro trimestre do ano, o setor de serviços cresceu 8,2% em relação ao mesmo período do anterior e quatro das cinco atividades apontaram taxas positivas. Os destaques foram para informação e comunicação, que registrou o terceiro resultado positivo seguido, com ganho acumulado de 4,1%. As demais expansões vieram dos serviços prestados às famílias e dos profissionais, administrativos e complementares.

No acumulado do ano, o volume de serviços subiu 8,6% frente a igual período de 2021. O acumulado nos últimos 12 meses, 9,0%. Com isso, o setor não só ampliou o distanciamento em relação ao nível pré-pandemia, já que se encontra 11,8% acima de fevereiro de 2020, como também alcançou o patamar mais elevado da série histórica iniciada em 2011, superando novembro de 2014.

A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deve alcançar 261,9 milhões de toneladas em 2022, de acordo com a estimativa de setembro do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. O resultado é um novo recorde para a série histórica, iniciada em 1975, e representa aumento de 3,4% ou 8,7 milhões de toneladas em relação a 2021.

“O principal produto que está puxando o resultado recorde é o milho, principalmente o milho 2ª safra, com um crescimento de 35,5% frente ao ano anterior. A produção está se recuperando de problemas climáticos em 2021, como a falta de chuvas”. Essa recuperação ajuda a explicar a produção em 2022, esclarece o gerente de agricultura do IBGE, Carlos Alfredo Guedes.

A estimativa para a safra foi de crescimento em quatro grandes regiões: Centro-Oeste (11,4%), Norte (11,0%), Sudeste (10,8%) e Nordeste (10,3%). No Sul, a previsão é de queda de 14,6%. Entre as grandes regiões, o volume da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas apresentou a seguinte distribuição: Centro-Oeste, 129,8 milhões de toneladas (49,6%); Sul, 65,1 milhões de toneladas (24,8%); Sudeste, 27,6 milhões de toneladas (10,6%); Nordeste, 25,4 milhões de toneladas (9,7%); e Norte, 14,0 milhões de toneladas (5,3%).

Como foi destacado acima, a indústria geral e o comércio varejista apresentaram queda, a agricultura mais uma vez mostrando sua força e os serviços reagindo com mais vigor, favorecido pela flexibilização total das atividades e da baixa base de comparação, no confronto do terceiro trimestre em relação ao de 2021.

Mesmo com os resultados positivos dos serviços, a conjuntura ainda permaneceu desafiadora, das taxas de juros elevadas e do conflito Rússia-Ucrânia, porém o mercado de trabalho formal no terceiro trimestre de 2022, mais uma vez, surpreendeu as expectativas iniciais. A economia brasileira gerou no terceiro trimestre 775.626 empregos com carteira assinada, informou o Ministério do Trabalho e da Previdência Social. O saldo foi resultado de 5,865 milhões de contratações e 5,089 milhões de desligamentos, de acordo com o Caged. A abertura de vagas formais no terceiro trimestre mostrou uma tendência de desaquecimento do mercado de trabalho no ano.

O saldo no acumulado do ano é de 2,320 milhões de postos formais, resultado do desempenho positivo em todos os cinco grandes setores da economia brasileira, com destaque para o setor de serviços, que abriu 1,263 milhões de vagas no ano. Em seguida estão indústria geral (391,4 mil) e construção (288,5 mil). Ao final de setembro de 2022, ainda conforme os dados oficiais, o Brasil tinha saldo de 42,82 milhões de empregos com carteira assinada.

A geração de empregos formais se refletiu na taxa de desemprego calculada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do IBGE, a taxa de desocupação ficou em 8,7% no trimestre encerrado em setembro, queda de 0,6 ponto percentual na comparação com o trimestre anterior. É o menor patamar para o período desde 2015, quando

foi de 8,4%. Já a população desocupada (9,5 milhões de pessoas) chegou ao menor nível desde o trimestre terminado em dezembro de 2015, caindo 6,2% (menos 621 mil pessoas) no trimestre e 29,7% (menos 4,0 milhões) no ano.

“A taxa de desocupação segue a trajetória de queda que vem sendo observada nos últimos trimestres. A retração dessa taxa é influenciada pela manutenção do crescimento da população ocupada”, destaca Adriana Beringuy, coordenadora da PNAD. O contingente de pessoas ocupadas (99,3 milhões) cresceu 1,0% (mais 1,0 milhão) no trimestre e 6,8% (mais 6,3 milhões) no ano, batendo novamente o recorde na série histórica, iniciada em 2012.

A PNAD Contínua mostrou, ainda, que o rendimento real habitual cresceu, pela primeira vez desde junho de 2020, tanto na comparação trimestral (3,7%) quanto na anual (2,5%), chegando a R\$ 2.737,00. Segundo a coordenadora da pesquisa, Adriana Beringuy, “o crescimento do rendimento real está relacionado à redução da inflação, proporcionando ganhos reais. O rendimento nominal, que não desconta a inflação, já vinha crescendo em 2022, enquanto o real estava registrando queda. Na medida em que há uma retração da inflação, passa-se a ter registros de crescimento no rendimento real”.

Com base em todos esses dados, fica evidente que há um processo de recuperação da economia após dois anos de pandemia da Covid-19, os resultados do PIB do terceiro trimestre, embora mostrem desaceleração ainda são positivos, 4,5% acima do patamar pré-pandemia, registrado no quarto trimestre de 2019.

O período de julho a setembro de 2022 mostrou reflexos da reabertura total das atividades presenciais e os impactos da queda da inflação após as restrições na pandemia. Com o aumento da circulação das pessoas, houve um impulso no setor de serviços, o principal do PIB, que cresceu 0,4% no terceiro trimestre em relação ao segundo, com esse resultado, chega ao maior patamar da série histórica, iniciada em 1996. Os serviços e a indústria cresceram 0,8% e 1,1%, respectivamente, enquanto a Agropecuária continuou impedindo uma expansão mais robusta do PIB, com queda de 0,9%, devido às quedas de produtividade e de produção.

O PIB brasileiro cresceu 3,6% no terceiro de 2022, em relação ao mesmo trimestre de 2021. Esse foi o quinto resultado positivo seguido, de acordo com os dados divulgados pelo IBGE. Pelo lado da produção, o desempenho foi impactado principalmente pelo setor de serviços com aumento de 4,5%. A agropecuária e indústria cresceram 3,2% e 2,8%, respectivamente. “As outras atividades de serviços já vêm se recuperando há algum tempo, com a retomada de serviços presenciais que tinham demanda represada durante a pandemia”, explica a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

Pelo lado da demanda, o consumo das famílias e os investimentos foram os responsáveis pelo crescimento. Nessa base de comparação, o Consumo das famílias aumentou 4,6%, o consumo do governo, 1,0%, os investimentos cresceram 5,0%, as exportações, 8,1% e as importações se expandiram 10,6%.

A taxa de investimento no terceiro trimestre de 2022 foi de 19,6%, o que representa um leve aumento em relação à do mesmo período do ano anterior (19,4%), em razão do crescimento na Construção, no desenvolvimento de softwares e na produção e importação de bens de capital. A taxa de poupança foi de 16,2% no terceiro trimestre de 2022, menor que os 17,2% obtidos no mesmo período de 2021.

No acumulado do ano, o PIB cresceu 3,2% frente ao mesmo período do ano anterior, puxado pela Indústria (1,3%) e os Serviços (4,4%), com queda de 1,5% na Agropecuária. Esse resultado é o quinto positivo em sequência, mas representa uma perda de ritmo da atividade econômica em um cenário de juros altos e desaceleração global. Na visão de analistas, o fôlego menor deve continuar no quarto trimestre. Assim, o PIB tende a ficar mais próximo da estagnação (0%) ou até negativo nos três últimos meses do ano. Em caso de estabilidade, nos últimos três meses deste ano, como projetam diversos analistas, um crescimento de 3,1% na média de 2022 já estaria garantido.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) elevou de forma expressiva a estimativa para o crescimento da atividade brasileira, neste ano, apesar das dificuldades enfrentadas pela economia global. Na revisão das estimativas em seu relatório de outubro, Panorama Econômico Mundial, o FMI passou a estimar o crescimento do PIB do Brasil neste ano em 2,8%, bem acima da taxa de 1,7% prevista em julho. Para 2023, o FMI indica que a expansão da atividade será de 1,0%. A projeção feita é menor do que a divulgada em julho, que era de 1,1%. O FMI afirma que vê o Brasil bastante sensível a choques inflacionários e alerta para os riscos de desancoragem das metas de inflação. Também destaca os desafios que a economia global está enfrentando e o enfraquecimento dos indicadores econômicos que apontam para mais desafios.

ESTADUAL

A atividade econômica da Bahia apresentou nos dois primeiros trimestres de 2022, resultados positivos, mesmo diante de uma conjuntura pouco favorável, seja interna como externa. No primeiro semestre, o Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), cresceu 3,9%, na comparação com mesmo período de 2021.

Com base nos dados das pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizadas e analisadas pela SEI, os resultados do terceiro trimestre mostraram uma desaceleração, na maioria das atividades. A indústria geral e o comércio varejista apresentaram resultados negativos. Por outro lado, Serviços, Exportações e Agropecuária continuaram a registrar crescimento.

A indústria geral (transformação e extrativa) baiana apresentou retração no terceiro semestre em relação ao segundo, de 7,9%. No terceiro trimestre de 2022, comparado a igual período do ano anterior, a produção física da indústria baiana registrou queda de 0,5%, após dois trimestres consecutivos de crescimento. Nessa comparação, na indústria baiana, destacaram-se os recuos dos setores de Alimentos, 17,3%; Bebidas, 3,8%, e Celulose e papel, 3,1%. Por outro lado, houve avanços em Produtos derivados de petróleo, 11,0%; em Produtos químicos, 2,9%; Equipamentos de informática, 52,3%; e, Minerais não metálicos, 6,6%.

Com base na Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), o varejo baiano registrou taxas negativas entre julho e setembro, resultando no recuo trimestral de 5,7%, em relação a igual trimestre do ano anterior. A explicação para a retração das vendas no varejo da Bahia está nos fatores já conhecidos como inflação elevada de bens essenciais, queda da renda real, endividamento das famílias, elevadas taxas de juros e desemprego ainda em níveis muito acima da média nacional. As atividades de maior peso que apresentaram retração no terceiro trimestre: hiper e supermercados (1,1%), e artigos de uso pessoal (18,9%). Combustíveis e Lubrificantes (6,8%) e Artigos farmacêuticos e médicos (8,3%) registraram as maiores altas.

O setor de serviços continuou seu processo de recuperação no terceiro trimestre, embora com taxas mensais de crescimento mais modestas. No terceiro trimestre em comparação a 2021, o setor de serviços cresceu 4,0%, essa é a sexta taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação.

Quatro das cinco atividades que compõem a pesquisa puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (16,9%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (5,6%), Outros serviços (3,9%) e Serviços profissionais (3,4%).

Em relação ao comércio exterior da Bahia no terceiro trimestre, as exportações registraram US\$ 3,7 bilhões, valor superior em 28,2% ante igual período do ano anterior. As vendas externas baianas no período foram lideradas pelos setores de soja e derivados com vendas de US\$ 1,18 bilhão e crescimento de 18,4%. Petróleo e derivados com exportações de US\$ 850,8 milhões, expansão de 127,3% na comparação com igual período do ano anterior.

Já as importações somaram cerca de US\$ 3,2 bilhões, 110,2% acima do registrado no mesmo período do ano anterior, com destaque para compras de combustíveis. Esse crescimento expressivo das importações no período fez com que a balança comercial do estado acumulasse um superávit comercial de US\$ 503 milhões no terceiro trimestre.

No terceiro trimestre de 2022, as estimativas da produção agrícola do IBGE apontavam para uma produção recorde de grãos pelo terceiro ano consecutivo no estado. Segundo os dados do IBGE, até setembro, a previsão era de 11,4 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas produzidas na Bahia em 2022, o que representa um crescimento de 8,2% na comparação com a safra 2021.

O resultado reflete condições climáticas e de mercado favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos (soja, milho, algodão e feijão).

O bom desempenho de algumas das principais atividades econômicas do estado, como Agropecuária e Serviços, refletiu positivamente no mercado de trabalho formal. Com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), a Bahia criou 46.852 novos postos de emprego formal no terceiro trimestre. Com esse resultado, a Bahia completou nove trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia, no terceiro trimestre deste ano, alcançou todos os cinco grandes estratos setoriais. A atividade de Serviços se destacou entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 20.095 trabalhadores no período. A Indústria geral, com 8.994 novos vínculos, e a Construção, com 8.003 novas vagas. Em seguida, com saldos positivos menos expressivos, vieram o setor do Comércio (6.052 postos) e da Agropecuária (3.708 vagas). Por fim, importante frisar, segundo os dados do Caged, o estoque de vínculos celetistas atual se encontra em patamar superior ao do período pré-pandemia para cada um desses grupamentos.

No ranking nacional do terceiro trimestre, a Bahia ficou na quarta posição. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Pernambuco (44.863 vagas) exibiu o segundo melhor resultado. No ano, a Bahia passou a contar com 1.922 milhão de vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 6,94% sobre o ano de 2021, representando, assim, o maior volume de empregos do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Evidentemente, a geração de empregos formais contribuiu para que a estimativa do desemprego no terceiro trimestre na Bahia caísse para 15,1%. Houve uma redução em relação ao segundo trimestre (que havia sido de 15,5%) e foi a menor para um terceiro trimestre em sete anos, ou seja, desde 2015 quando tinha sido de 13,0%. No entanto, importante mencionar, a taxa ainda se mostrou bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho do estado.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao terceiro trimestre mostraram que os resultados positivos para a agropecuária e serviços impactaram diretamente o PIB da Bahia, calculado pela SEI, embora em uma taxa menor que no segundo trimestre (4,8%) pela queda da indústria de transformação. O PIB do terceiro trimestre cresceu 3,2% em relação ao mesmo trimestre de 2021. Na comparação com ajuste sazonal (3º trimestre de 2022 em comparação com o 2º trimestre de 2022), o resultado foi mais modesto, 0,5%.

Setorialmente, na comparação com o terceiro trimestre do ano passado, a Agropecuária voltou a ser o destaque com expansão de 8,1%, os Serviços com alta de 1,7% e a Indústria continuou se expandido, embora a contribuição para o PIB tenha sido mais modesta diante de uma taxa de apenas 0,4%, em razão de altas bem expressivas registradas em trimestres anteriores.

No acumulado do ano, o crescimento do PIB Bahia foi 3,2%, mesma taxa do PIB Brasil, puxado pela Agropecuária (6,2%), Serviços (1,8%) e Indústria (3,3%). Essa expansão do PIB da Bahia, no acumulado do ano, alterou as expectativas que ficaram menos otimistas para um desempenho em 2022 acima dessa taxa, devido aos primeiros resultados das pesquisas mensais do quarto trimestre que vieram abaixo do esperado.

Com isso, as previsões para o PIB de 2022 estão no intervalo entre 2,8% e 3,0%, mesmo com a inflação em queda, a geração de empregos e a recuperação do setor Serviços em base mais elevada, asseguram mais um alta do PIB, porém mais modesta que a do ano de 2021.

AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana
pedromarques@sei.ba.gov.br

Cenário Bahia

AGRICULTURA

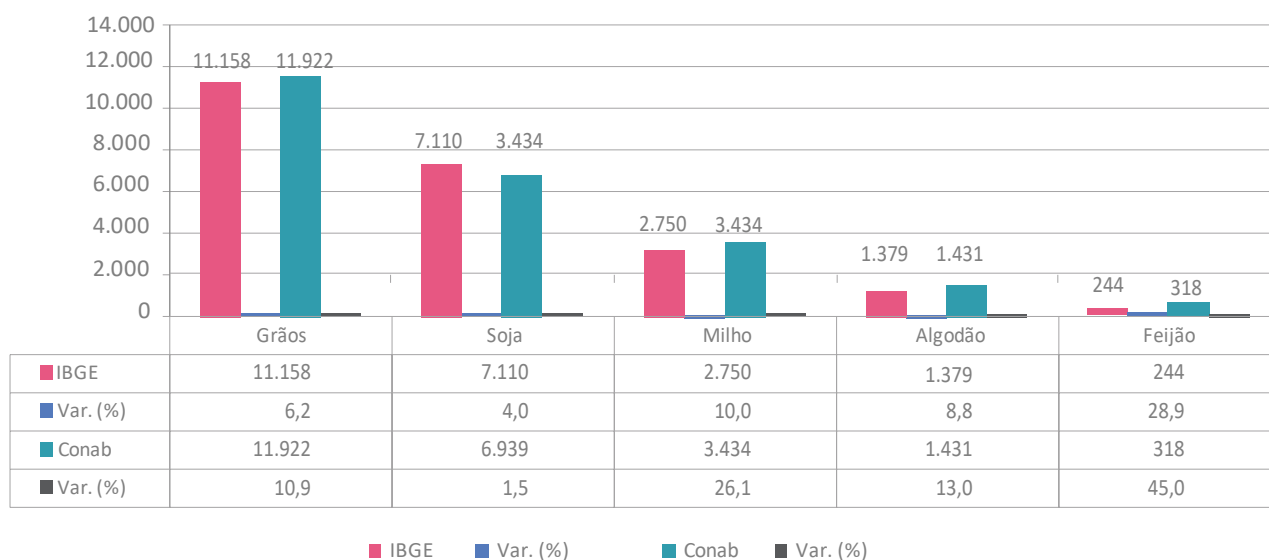
No terceiro trimestre de 2022, as estimativas de produção agrícola realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontaram para o terceiro ano consecutivo de produção recorde de grãos no estado. A boa colheita, de um modo geral, está relacionada às condições climáticas e de mercado favoráveis, apesar do aumento dos custos de produção e de alguma interferência climática negativa nas lavouras. A demanda aquecida e os preços atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, o que se verificou em todos os principais cultivos pesquisados (soja, milho, algodão e feijão).

Para a Conab¹, a produção baiana de grãos superou as 12 milhões de toneladas (t) na temporada 2021/2022, o que representou alta de 12,1% em relação ao ciclo 2020/2021. O IBGE², por sua vez, manteve, até o mês de setembro, a previsão de 11,4 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas³ produzidas na Bahia em 2022, o que representa um crescimento de 8,2% na comparação com a safra 2021. A seguir apresentamos síntese dos resultados apresentados pelas instituições públicas oficiais que realizam estimativas de produção das principais lavouras do estado.

A seguir apresentamos síntese dos resultados apresentados pelas instituições públicas oficiais que realizam estimativas de produção das principais lavouras do estado.

- 1 Os dados referem-se ao décimo segundo levantamento divulgado pela Conab, cujo ano agrícola vai de outubro do ano anterior a setembro do ano corrente.
- 2 Refere-se ao nono levantamento divulgado pelo IBGE que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.
- 3 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

Gráfico 1
Estimativas comparadas da safra de grãos
Bahia – 2022/2021



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2022) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Valores em mil toneladas.

Algodão

IBGE

A produção de algodão (caroço e pluma) ficou estimada em 1,35 milhão de toneladas, que representou alta de 6,4% em relação a 2021. A área plantada com a fibra (290 mil hectares) superou em 8,3% a do ano passado, demonstrando que houve uma maior disposição de investimento dos produtores diante da melhoria nas condições de mercado.

Conab

A produção de algodão alcançou 1,3 milhão de toneladas no ciclo 2021/2022, o que representou uma expansão de 2,7% na comparação com o ciclo anterior. A área plantada (308 mil hectares) superou em 15,2% a de 2020/2021.

Soja

IBGE

O volume colhido da soja alcançou 7,2 milhões de toneladas, 6,0% acima do verificado em 2021. Dessa forma, a safra da oleaginosa atingiu recorde pelo terceiro ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,8 milhão de hectares (7,2% superior ao observado em 2021).

Conab

A Conab também sinalizou uma produção (7,3 milhões de toneladas) superior ao recorde observado na safra passada (6,8 milhões de toneladas), apontando um crescimento de 6,5% em relação ao período anterior. Quanto à área plantada, esta se expandiu (11,3%) ao totalizar 1,9 milhão de hectares.

Milho**IBGE**

As duas safras anuais do milho devem somar 2,84 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 13,6% na comparação anual. Com relação à área plantada (700 mil hectares), o IBGE aponta uma expansão de 4,5% em relação à safra anterior.

A estimativa da primeira safra do cereal é de 2,2 milhões de toneladas, sendo 15,3% superior à de 2021. Por sua vez, a segunda safra (650 mil toneladas) aponta crescimento de 8,3% em relação à colheita passada.

Conab

O ciclo do milho 2021/2022 totalizou 3,3 milhões de toneladas, com variação positiva de 22,5% com relação ao ciclo anterior. Foram estimados 814 mil hectares de área plantada. As principais contribuições vieram da primeira (2,09 milhões de toneladas) e da terceira safra (1,06 milhão de toneladas).

Feijão**IBGE**

Perspectiva de que a produção totalize 244 mil toneladas, o que representa avanço de 28,9% na comparação com a safra 2021. A área plantada de 417 mil hectares foi a mesma observada no ano anterior. Estima-se que a primeira safra da leguminosa (145,6 mil toneladas) seja 41,3% superior à de 2021, bem como a segunda safra (98,3 mil toneladas) tenha uma variação positiva de 14,1% na mesma base de comparação.

Conab

O ciclo atual encerrou com volume estimado de 284 mil toneladas, numa área de 408 mil hectares. Com isso, houve expansão de 29,3% do volume produzido na comparação com o ciclo 2020/2021. A três safras anuais da leguminosa tiveram resultados positivos, com destaque para segunda safra, cujo volume somou 108 mil toneladas, sendo 18,0% acima do ciclo anterior.

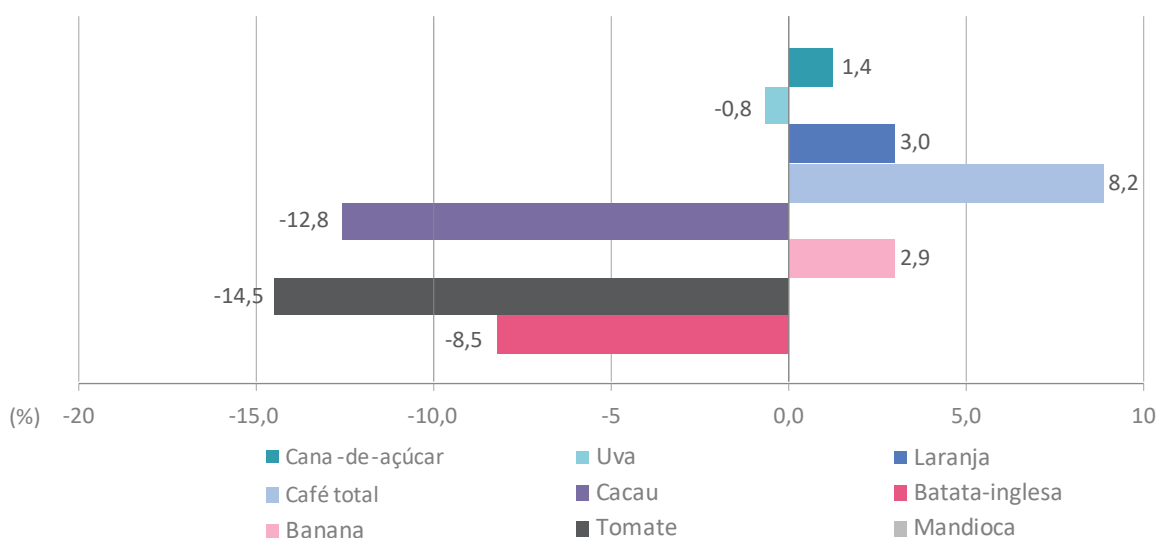
Outras lavouras permanentes e temporárias

Com relação a outras culturas permanentes e temporárias relevantes no estado, destaque para a recuperação da lavoura do café. De acordo com o IBGE, prevê-se uma colheita de 233,5 mil toneladas este ano, 12,8% acima da observada no ano passado. A safra do tipo arábica está projetada em 100,5 mil toneladas, com variação anual positiva de 35,8%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora ou conilon tem previsão de 133 mil toneladas, ficando estável na mesma base de comparação.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estima produção de 5,6 milhões de toneladas, alta de 1,4% em relação à safra 2021. A estimativa da produção do cacau está projetada em 126,5 mil toneladas, o que representa uma queda de 13,1% na comparação com o ano anterior.

Gráfico 2

Varição anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2022/2021



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As estimativas para as lavouras de banana (911,3 mil toneladas), laranja (653,5 mil toneladas) e uva (60,8 mil toneladas), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 2,9%, 3,0% e -0,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indicou uma produção de 856,3 mil toneladas de mandioca, 0,6% inferior à de 2021. A produção de batata-inglesa, estimada em 354 mil toneladas, apresenta recuo de 12,8%, e a do tomate, estimada em 178 mil toneladas, aponta queda de 14,5% na comparação com o ano passado.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

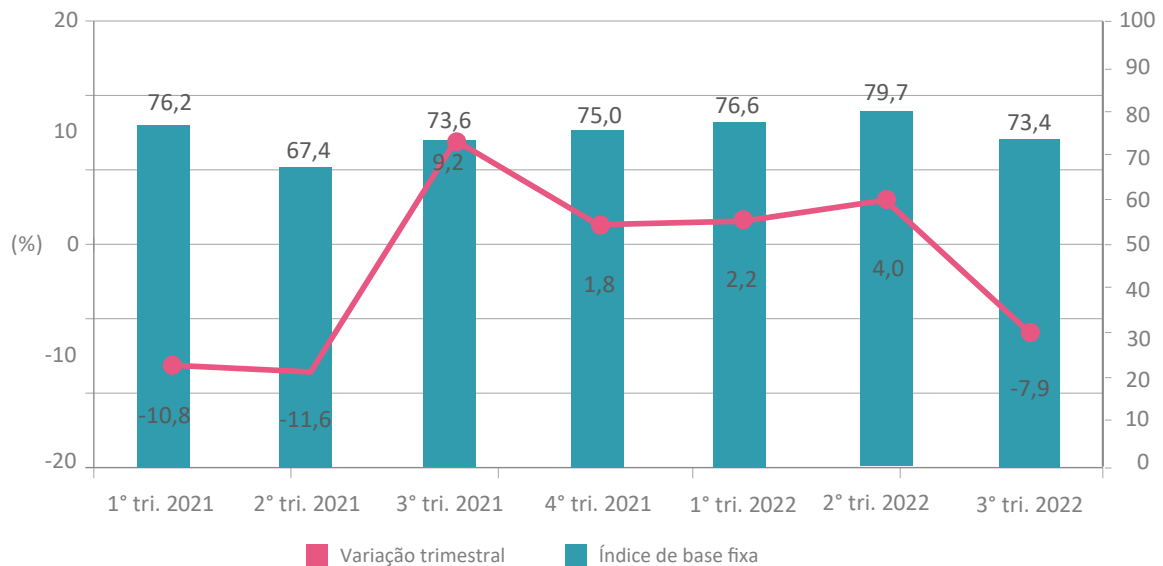
O setor industrial brasileiro recuou no indicador do terceiro trimestre – com taxa de -0,3%, comparada ao trimestre exatamente anterior, na série com ajuste sazonal –, após avançar por três trimestres. Esse comportamento da indústria nacional reflete os efeitos da demanda doméstica fraca e o maior impacto da política monetária restritiva em curso.

O arrefecimento na produção industrial do país no terceiro trimestre é confirmado pela redução do nível de confiança dos empresários do setor, pois na percepção dos empresários a expectativa é de queda na demanda interna e externa e dificuldade de obtenção de insumos nos próximos meses. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas/ Instituto Brasileiro de Economia (FGV-IBRE) reduziu 5,5 pontos entre junho e outubro, para 95,7 pontos. Além disso, houve queda na utilização da capacidade instalada – que passou de 81,4% em junho para 80,7% em outubro – e os estoques seguem em níveis elevados.

A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) reverteu o crescimento após quatro trimestres de aumentos consecutivos, com taxa de -7,9%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)⁴, ilustrados no Gráfico 1.

4 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, set. 2022. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Industrias_Extrativas_e_de_Transformacao/Pesquisa_Industrial_Mensal_Producao_Fisica/Fasciculos/Fasciculo_Indicadores_IBGE_Regional/pim-pf-regional_202209caderno.pdf. Acesso em: 8 nov. 2022.

Gráfico 1

Estimativas comparadas da safra de grãos
Bahia – 1º tri. 2021-3º tri. 2022

Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2022) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2022).

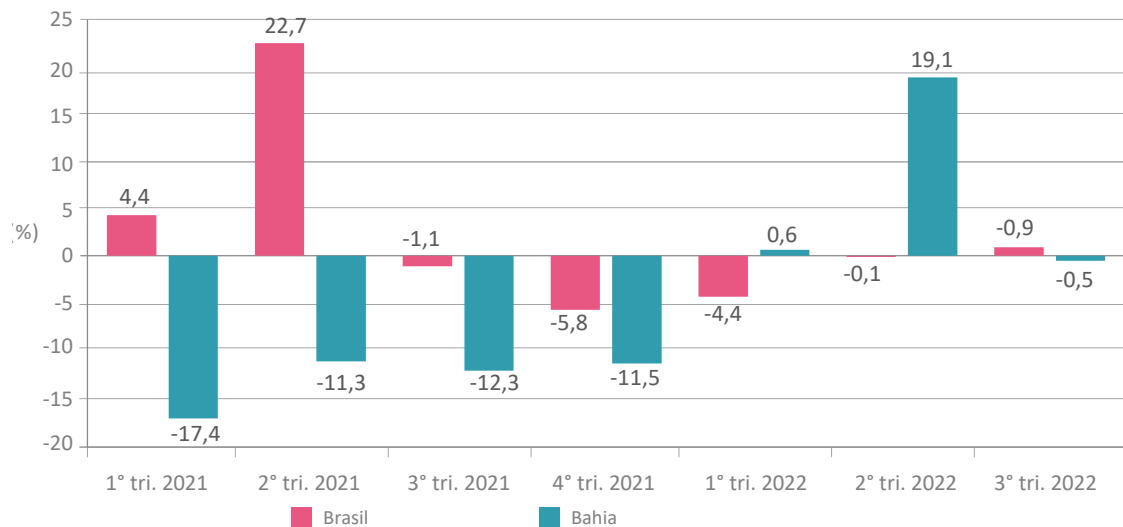
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

No terceiro trimestre de 2022, comparado a igual período do ano anterior, a produção física da indústria baiana registrou queda de 0,5%, após dois trimestres consecutivos de crescimento. Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país aumentou 0,9%, após quatro quedas consecutivas (Gráfico 2). O desempenho do setor nacional foi puxado por bens de consumo duráveis (8,2%), especialmente pela maior produção de automóveis (27,1%) no período.

Nessa comparação, na indústria baiana, destacaram-se os recuos dos setores de Alimentos, que passou de -10,6% para -17,3%; Bebidas, de 3,2% para -3,8%; Couros e calçados, de 14,7% para -3,4%; Celulose e papel, de 3,1% para -0,9%; e, Extrativas, de -10,8% para -8,1%. Por sua vez, houve avanços em Produtos químicos, que passou de -2,9% para 2,9%; Equipamentos de informática, de 85,4% para 52,3%; e, Minerais não metálicos, de 6,0% para 6,6%.

Gráfico 2
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – 1º tri. 2021-3º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

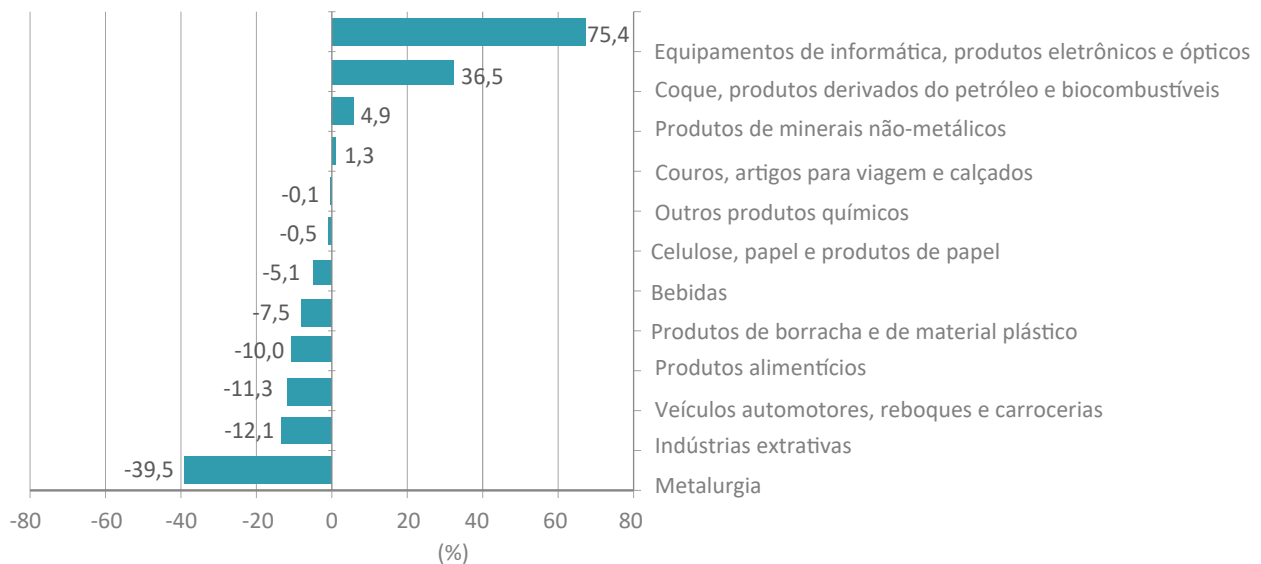
Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Na análise dos segmentos da indústria baiana, no período de janeiro a setembro, em comparação com o mesmo período do ano anterior, apesar da maioria dos segmentos da indústria de transformação baiana apresentar taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3, houve aumento da produção industrial de transformação do estado no período, com taxa de 5,6%. O segmento de derivados de petróleo, o qual apresentou a maior contribuição para a taxa no acumulado do ano, registrou significativo aumento e tem importante participação (25,9%) no valor da transformação industrial⁵.

⁵ Segundo dados do IBGE divulgados pela Pesquisa Industrial Anual de 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1849#resultado>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Gráfico 3
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – Jan.-set. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2022).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana tem-se, inicialmente, o setor derivados de petróleo. No período de janeiro a setembro, a produção expandiu 36,5%, com aumento no processamento de óleo diesel, óleo combustível, nafta para petroquímica, gasolina e parafina.

A produção de Minerais não metálicos, acumula no ano até setembro aumento de 4,9%. No período, houve aumento, principalmente, na fabricação de cimentos “Portland”, massa de concreto e elementos pré-fabricados para construção civil. O bom desempenho da atividade se dá mesmo diante de um cenário desafiador com forte pressão dos custos dos insumos utilizados.

O setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos registrou aumento de 75,4%, principalmente atribuído ao crescimento na produção de computadores pessoais de mesa e portáteis.

Na indústria calçadista, o avanço do setor deu-se especialmente pelo crescimento na produção de calçados, influenciado pelo aumento da demanda por esses produtos, decorrente da ampliação do emprego e da massa de rendimentos no período.

A principal contribuição negativa para o período veio do setor Metalúrgico, impactado, sobretudo na transformação do cobre com queda na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre.

A queda na indústria de Alimentos no acumulado do ano até setembro foi atribuída, em especial, à menor produção de açúcar cristal, farinha de trigo e cacau ou achocolatado em pó. Esse setor também reflete o ambiente macroeconômico interno com alta nos custos de matérias-primas, insumos e energia.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com queda de 7,5% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente pela queda na produção de embalagens plásticas e de pneus novos para automóveis. O segmento de Celulose e papel registrou queda na produção de pasta química de madeira e caixas de papelão.

A indústria de Bebidas recuou em 5,1% no acumulado do ano até setembro, comparada ao mesmo período do ano anterior, impactada pela redução na produção de cervejas e chopes.

O setor de Veículos registrou queda de 11,3% no período, atribuído, principalmente, ao declínio na produção de peças e acessórios para sistema de direção e suspensão para veículos e bancos de metal. A indústria de produtos químicos, que recuou apenas 0,1% no período, foi prejudicada pela menor produção de bens químicos de uso industrial e fertilizantes (NPK).

Por fim, a indústria Extrativa, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), caiu 12,1% no acumulado do ano até setembro, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural.

Portanto, para o último trimestre do ano, a expectativa é de que a taxa de crescimento da produção industrial baiana tenda a arrefecer, em parte por conta de paralisações programadas para algumas atividades e, por outra, pelas incertezas do mercado com relação à nova política econômica sobre o cenário macroeconômico nacional.

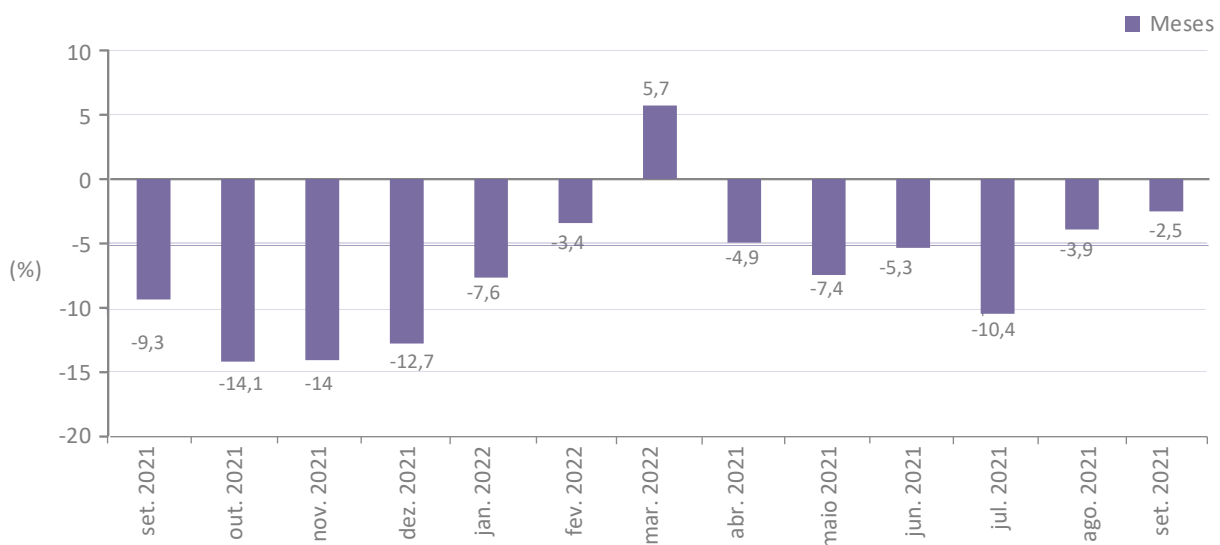
Há, também, um cenário desafiador no ambiente internacional, posto que a demanda externa possa esfriar diante das expectativas de desaceleração das principais economias do mundo. A inflação mundial, o conflito no Leste Europeu e o desaquecimento de grandes economias mundiais, caso dos Estados Unidos e Zona do Euro, devem ser determinantes para a menor dinâmica de crescimento para o setor. Contudo, a manutenção dos preços elevados das commodities assegura o crescimento das exportações do setor produtivo local.

COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito
elissandra@sei.ba.gov.br

As vendas do comércio varejista na Bahia nos primeiros nove meses de 2022 permaneceram numa trajetória de declínio. Em setembro/22, o recuo nos negócios se repete pelo sexto mês consecutivo (-2,5%) (Gráfico 1). Nem mesmo os incentivos concedidos pelo governo federal, como adoção do Auxílio Brasil, em valores maiores do que o antigo Bolsa Família, e a estabilização nos índices de desemprego reverteram esse quadro. O endividamento das famílias, agravado com os juros elevados, tem sido apontado como o principal inibidor do consumo, o que dificulta a percepção da deflação verificada nos meses de julho a setembro.

Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – Set. 2021-Set. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

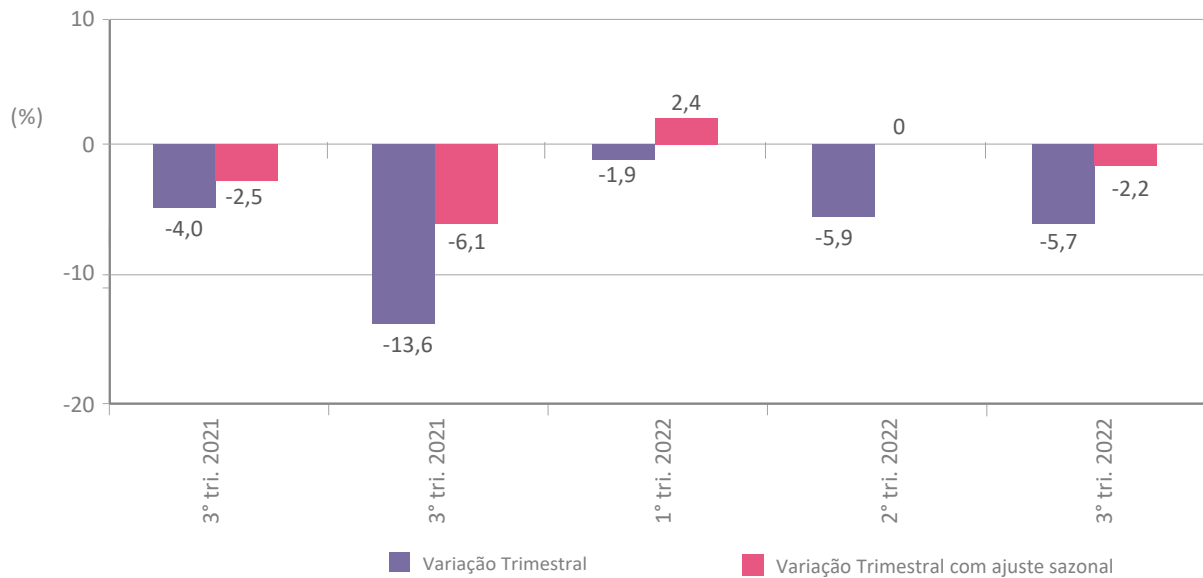
(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente..

A retração também foi observada na análise trimestral. No terceiro trimestre de 2022, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista registrou recuo de 5,7%, em relação a igual trimestre do ano anterior (Gráfico 2). Nessa mesma base de comparação, o varejo nacional apresentou uma suave retração de 0,3%. Na análise sazonalizada, a Bahia e o Brasil também registraram taxas negativas de 2,2%, e 1,1%, respectivamente.

Gráfico 2

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 3º tri. 2021-3º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

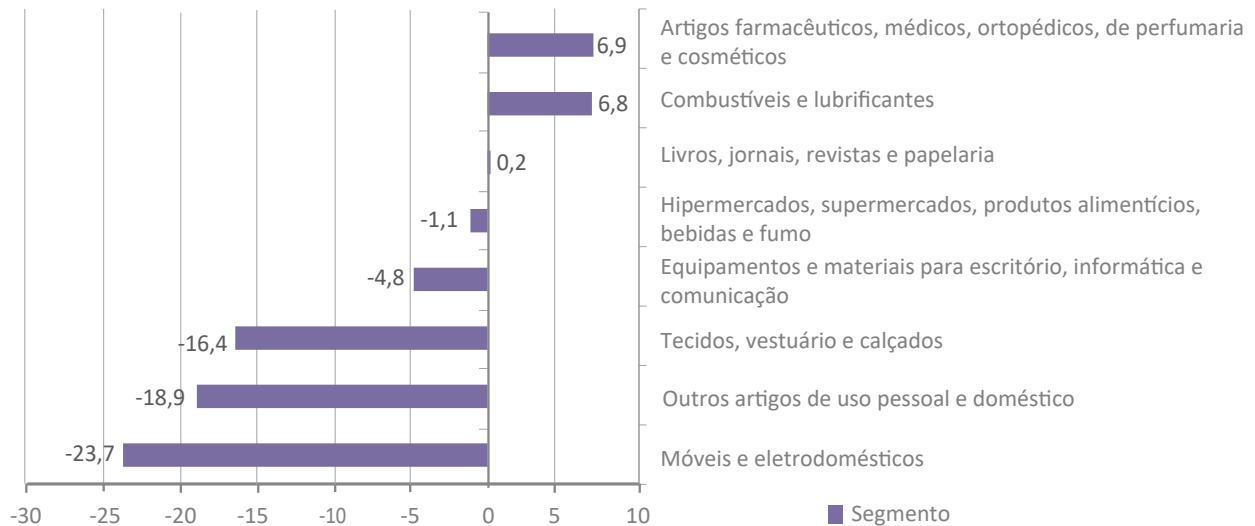
Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na série sem o ajuste sazonal, o desempenho do varejo baiano no terceiro trimestre é ratificado na trajetória declinante apresentada por cinco dos oito segmentos que compõem o setor, são eles: *Móveis e eletrodomésticos* (-23,7%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-18,9%), *Tecidos, vestuário e calçados* (-16,4%), *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (-4,8%), e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-1,1%). Já *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (6,9%), *Combustíveis e lubrificantes* (6,8%) e *Livros, jornais, revistas e papelaria* (0,2%) registraram expansão nas vendas no período analisado (Gráfico 03).

Gráfico 3

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 3º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Dentre as variações negativas, destaca-se o comportamento de *Móveis e eletrodomésticos* que apresentou a maior contribuição negativa no trimestre analisado. Segmento bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, tem no encarecimento do mesmo o seu principal entrave. A estratégia do Banco Central de elevar a taxa de juros para controlar a inflação, associada ao comprometimento da renda do consumidor e aumento do endividamento das famílias tem prejudicado as vendas nessa atividade, sendo registradas quedas consecutivas desde o mês de julho de 2021.

Nesse trimestre, os segmentos de *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* e de *Tecidos, vestuário e calçados* também registraram intensos recuos. O primeiro, tradicionalmente responsável por comercializar bens de menor valor agregado, e bastante influenciado pelo comprometimento da renda do consumidor, encontra no elevado endividamento um entrave para o seu negócio, pois nessas condições os gastos com os bens considerados supérfluos são “cortados”. O segundo tem na elevação dos preços a principal explicação para o comportamento das suas vendas no período.

Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista também registrou recuo nas vendas, mas de forma mais suave. Esse desempenho é resultado do uso dos estímulos

concedidos pelo governo na compra de alimentos, uma vez que a renda do trabalhador está comprometida e também a deflação verificada no período. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve expansão de 0,2% nas vendas, na mesma base de comparação.

Por outro lado, a maior contribuição positiva para o comércio varejista no terceiro trimestre foi de *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*. O aparecimento de uma nova variante da Covid-19 levou os consumidores às farmácias na tentativa de aumentarem a imunidade, resultando no impulso das vendas dos produtos comercializados pela atividade.

Combustíveis e lubrificantes foi o segundo a registrar o melhor desempenho positivo no período. As suas vendas foram fortemente influenciadas pela queda nos preços verificada nos meses de julho (-15,49%) a setembro (-7,31%). Em razão da deflação, no mês de agosto, esse segmento interrompe a trajetória de 12 meses em queda consecutiva, e registra a expansão de 10,8%, em relação a igual mês de 2021.

Na análise do acumulado do ano, observa-se que nos primeiro nove meses de 2022, o varejo restrito mantém retração nas vendas. A queda de 4,6% foi influenciada pelos segmentos de *Móveis e eletrodomésticos* (-27,4%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-6,2%), *Combustíveis e lubrificantes* (-5,1%), e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-2,4%) (Tabela 1).

Tabela 1
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 3º tri. 2022(1)

Atividade	Ano(2)
Comércio Varejista	-4,6
1 - Combustíveis e lubrificantes	-5,1
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-2,4
2.1 - Hipermercados e supermercados	-1,1
3 - Tecidos, vestuário e calçados	7,4
4 - Móveis e eletrodomésticos	-27,4
4.1 - Móveis	-31,7
4.2 - Eletrodomésticos	-26,4
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	11,2
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	0,3
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	10,2
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-6,2
Comércio Varejista Ampliado	-5,9
9 - Veículos, motos, partes e peças	-9,4
10 - Material de construção	-4,9

Fonte IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2022).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Compra a variação mensal do mês de referência com igual mês do ano anterior.

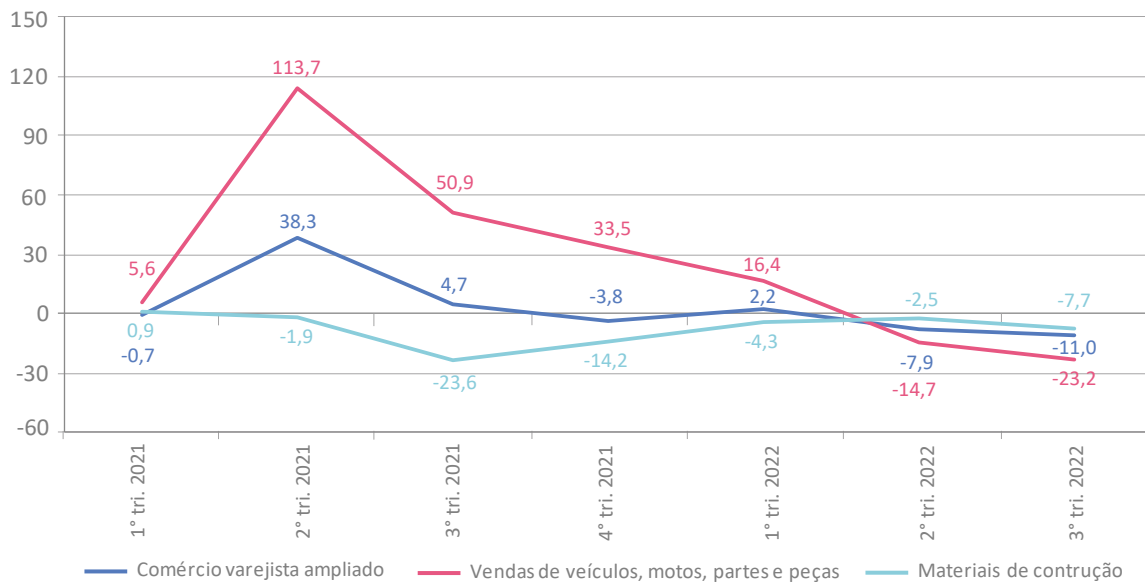
(2) Compra a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo restrito e mais as atividades de Veículos, motos, partes e peças e de Material de construção a retração no terceiro trimestre foi de 11,0%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Esse recuo nas vendas foi resultado do comportamento de Veículos, motos, partes e peças (-23,2%), acompanhado de Material de construção (-7,7%) (Gráfico 4). Em igual comparação, as taxas no país foram negativas em 2,3%, 4,7% e 9,6%, respectivamente, para o varejo ampliado, Veículos, motos, partes e peças e Material de construção.

Gráfico 4

Volume de vendas do comércio varejista ampliado

Bahia – 1º tri. 2021-3º tri. 2022



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação trimestral.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* a retração no terceiro trimestre foi de 11,0%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Esse recuo nas vendas foi resultado do comportamento de *Veículos, motos, partes e peças* (-23,2%), acompanhado de *Material de construção* (-7,7%) (Gráfico 4). Em igual comparação, as taxas no país foram negativas em 2,3%, 4,7% e 9,6%, respectivamente, para o varejo ampliado, *Veículos, motos, partes e peças* e *Material de construção*.

No acumulado do ano, quando observado o comportamento do comércio ampliado (-5,9%) em relação a igual período do ano passado (12,1%), verifica-se uma retração no volume de vendas proveniente do cenário macroeconômico atual que tem no encarecimento do crédito, elevada taxa de juros e endividamento das famílias suas principais evidências.

Veículos, motos, partes e peças refletiu o encarecimento do crédito. Desde abr./22, a atividade apresenta taxas negativas nas suas vendas, levando a queda de 9,4% no acumulado do ano. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas em razão das incertezas quanto ao comportamento do desempenho econômico do país. Esse cenário fruto de uma política monetária restritiva levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

Já no segmento de *Material de construção*, o recuo nas vendas foi verificado desde junho de 2022. Como resultado das variações negativas, essa atividade acumulou nos primeiros nove meses de 2022 uma variação negativa de 4,9%. Esse comportamento é resultado do comprometimento da renda, e do elevado grau de endividamento das famílias, que acaba levando o consumidor a adiar a intenção em realizar benfeitorias em seus imóveis.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela PMC nos últimos nove meses revelam que o varejo baiano ainda sente os efeitos de uma política monetária restritiva, a qual mantém juros altos e a prática do encarecimento de crédito. O setor registrou na Bahia, em todas as análises realizadas, seja ela mensal, acumulado do ano e trimestral, variações negativas. Ainda que a inflação se mostre “mais controlada”, o mercado de trabalho dê sinais de melhoria e haja políticas de incentivo como o Auxílio Brasil.

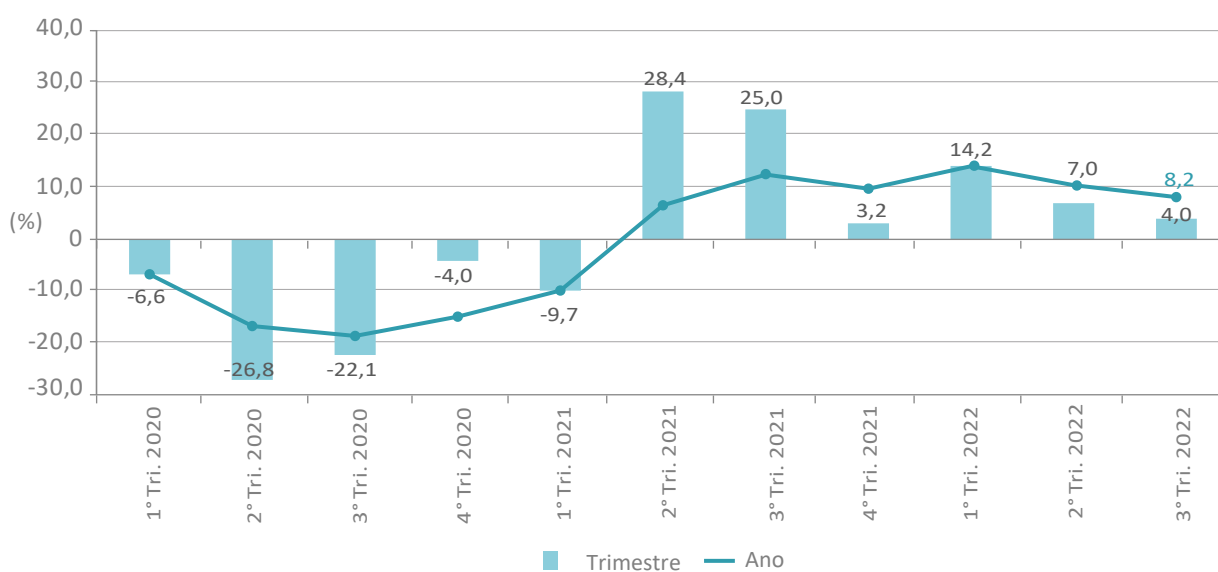
Assim sendo, as incertezas quanto ao comportamento do setor nos próximos meses ainda permanecem, dado o elevado nível de endividamento dos consumidores. Em setembro deste ano, de acordo com os dados do Serasa Experian foi registrado um nível recorde de 68,4 milhões de pessoas inadimplentes. Entretanto, apesar dessa condição, a comemoração do Dia das crianças, a realização da Copa do Mundo, a *Black Friday*, a antecipação de parcelas do décimo terceiro para algumas classes de trabalhadores e as comemorações natalinas previstas para os meses de outubro, novembro e dezembro deverão impulsionar as vendas no setor. Dessa forma, a expectativa para o quarto trimestre é de resultados mais satisfatórios, mesmo que em taxas de crescimento moderadas.

SERVIÇOS

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 3º trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 4,0%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a sexta taxa positiva consecutiva, para esse tipo de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 8,2% (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de serviços(1)(2)
Bahia – 1º tri. 2020-3º tri. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias⁶ (16,9%), que apontou a mais

⁶ Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (5,6%), depois Outros serviços⁷ (3,9%) e Serviços profissionais, administrativos e complementares (3,4%). Apenas a atividade de Serviços de informação e comunicação (-6,9%) contabilizou queda.

Regionalmente, 25 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (8,2%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Amapá (27,1%), seguido por Tocantins (17,6%), por Roraima (15,0%), depois Paraíba (13,8%), Alagoas (13,7%), e Pernambuco (11,8%). Nessa comparação, a Bahia (4,0%) contabilizou a vigésima segunda variação positiva entre os locais. Em sentido oposto as contribuições negativas vieram do Distrito Federal (-3,9%), e Acre (-0,6%).

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal de serviços na Bahia, no acumulado do 3º trimestre de 2022 cresceu 15,6%, em relação ao mesmo período do ano anterior. Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram a receita de serviços para cima, com destaque para a atividade de Serviços prestados às famílias (25,7%), com a mais significativa variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (22,5%), Outros serviços (13,3%) e Serviços profissionais, administrativos e complementares (11,1%). Apenas, a atividade de Serviços de informação e comunicação (-4,7%) contabilizou queda.

Todas as unidades concorreram de maneira positiva para o resultado nacional, que cresceu 16,6%. As variações mais expressivas, em termos regionais, ocorreram em Amapá (41,2%), seguido por Roraima (27,4%), Alagoas (27,3%), Tocantins (25,8%), Paraíba (25,8%), e Pernambuco (24,7%). Nessa comparação, a Bahia (15,6%) contabilizou a décima sétima variação positiva mais relevante entre as unidades da federação e Rondônia (6,3%), a variação menos relevante.

O volume de serviços da Bahia avançou 8,2%, no acumulado dos nove primeiros meses do ano, em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de expansão iniciada no segundo trimestre (6,6%) de 2021. Nessa análise, três das cinco atividades puxaram o volume da Bahia para cima, com destaque, em termos de variações mais expressivas, para as atividades de Serviços prestados às famílias (42,1%), que apontou a

6 Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

7 Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

mais importante variação positiva e a segunda variação positiva consecutiva. Seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (9,5%), que também registrou variação significativa, e a segunda variação positiva consecutiva. A atividade de Serviços profissionais, administrativos e complementares ampliou 4,9%, e marcou a segunda variação positiva consecutiva e superior aos 4,4% registrado em 2021. Por outro lado, as atividades de Outros serviços contabilizou taxa negativa de 9,8%, após crescer 3,9% no ano anterior. E, os Serviços de informação e comunicação seguiu o mesmo comportamento, com queda de 5,8% contra ampliação de 0,4% em 2021.

Na comparação nacional, 26 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (8,6%). As variações mais relevantes em termos regionais ocorreram em Amapá (20,1%), seguido por Alagoas (20,0%), Roraima (14,7%), Ceará (13,7%) e Tocantins (25,8%). Nessa comparação, a Bahia (8,2%) contabilizou a décima sexta variação positiva e o Distrito Federal (-1,7%) a única variação negativa entre os locais.

Na comparação nacional, 26 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (8,6%). As variações mais relevantes em termos regionais ocorreram em Amapá (20,1%), seguido por Alagoas (20,0%), Roraima (14,7%), Ceará (13,7%) e Tocantins (25,8%). Nessa comparação, a Bahia (8,2%) contabilizou a décima sexta variação positiva e o Distrito Federal (-1,7%) a única variação negativa entre os locais.

Nessa análise, a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume, e expandiu 20,1% com destaque, em termos de variações mais importantes, para as atividades de Serviços prestados às famílias (50,8%), que apontou a maior variação positiva. Essa atividade também apresentou resultado superior àquele observado no mesmo período do ano anterior (45,4%), seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (26,9%). A atividade de Serviços profissionais, administrativos e complementares ampliou 12,7% e também marcou a segunda variação positiva consecutiva. Por outro lado, a atividade de Outros serviços contabilizou taxa negativa de 2,3%, após crescer 6,9% no ano anterior. E, os Serviços de informação e comunicação seguiu o mesmo comportamento, com queda de 1,6% ante ampliação de 2,7% em 2021.

Na comparação nacional, todas as unidades contribuíram positivamente no resultado nacional, que cresceu 16,5%. As variações mais relevantes, em termos regionais, ocorreram em Alagoas (32,3%), seguidas por Amapá (30,8%), Roraima (25,0%), Pernambuco (24,3%), Ceará (24,1%), e Paraíba (22,5%). Nessa comparação, a Bahia (20,1%) contabilizou a sétima variação positiva mais expressiva entre as unidades da federação e Rondônia (7,9%), a variação menos expressiva.

Ao observar os resultados apresentados pelo Indicador de Confiança do Empresariado Baiano da SEI⁸ e a Sondagem Empresarial da Fundação Getulio Vargas (FGV)⁹, o setor parece começar a dar sinais de desaceleração, projetando uma redução de demanda nos próximos meses, principalmente nos serviços profissionais e de informação e comunicação, e na tendência futura dos negócios. Os próximos meses devem ser cruciais para confirmar a direção do setor considerando o cenário macroeconômico desafiador. Com isso, a expectativa é de expansão para o setor no ano de 2022, porém com uma taxa mais atenuada.

8 PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO. BAHIA: SEI, set. 2022. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/iceb/rel_ICEB_set22.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

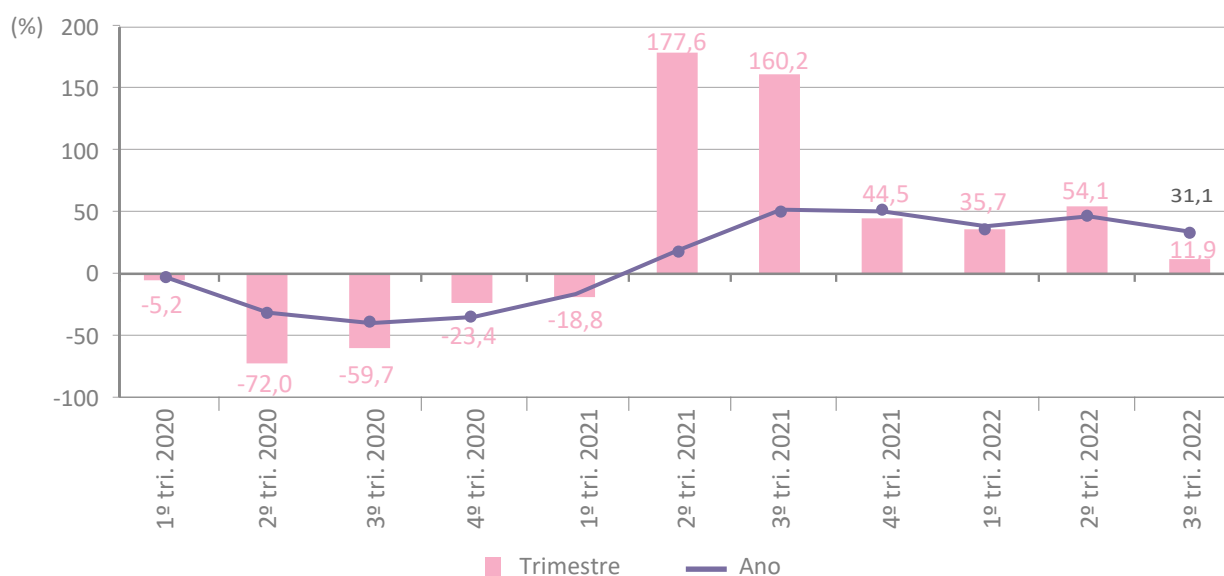
9 SONDA GEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, out. 2022. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2022-10/sondagem-de-servicos-fgv_press-release_out22_0.pdf. Acesso em: 21 nov. 2022.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹⁰ na Bahia, quando comparado com o 3º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 11,9%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a sexta taxa positiva, para esse tipo de comparação, e a sexta variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011 (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas (1)(2)
Bahia – 1º tri. 2020-3º tri. 2022



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

¹⁰ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 23,9% no acumulado do terceiro trimestre, frente a igual período do ano anterior. Todos os 12 locais investigados também registraram taxas positivas, em que sobressaíram os ganhos vindos de Minas Gerais (37,7%), seguido por São Paulo (34,1%), depois Ceará (29,2%), e por fim Paraná (26,8%). Nessa comparação, a Bahia (11,9%) apontou a nona variação positiva e Pernambuco (6,6%), por sua vez, marcou a variação menos expressiva entre os locais.

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal das atividades turísticas no Brasil expandiu 48,8% no acumulado do terceiro trimestre, perante a igual período do ano anterior. Todas as unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento com destaque para São Paulo (63,6%), seguido por Distrito Federal (57,4%), Ceará (52,3%), e Minas Gerais (51,5%). Nessa comparação, a Bahia (35,4%) apontou a nona variação positiva mais significativa entre os locais e o Rio de Janeiro (30,3%), por sua vez, contabilizou a variação menos expressiva entre os locais investigados.

O volume das atividades turísticas na Bahia, no acumulado entre janeiro e setembro de 2022, em relação ao mesmo período do ano anterior, expandiu 31,1%, após avançar 48,9% em 2021, na mesma base de comparação. Esse resultado é a segunda maior variação já registrada em toda série histórica iniciada 2011, para esse tipo de comparação e contribuiu positivamente no índice nacional, que avançou 36,9%, na mesma análise.

Na comparação nacional, todas as 12 unidades investigadas contribuíram positivamente no resultado nacional (36,9%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Minas Gerais (58,7%), continuado por Rio Grande do Sul (47,6%), Ceará (47,5%), e São Paulo (44,3%). Nessa comparação, a Bahia (31,1%) apontou a nona variação positiva relevante e o Rio de Janeiro (19,2%), a menor variação entre os locais.

Seguindo o mesmo comportamento, a receita nominal das atividades turísticas na Bahia, no acumulado do ano entre janeiro e setembro, em relação ao mesmo período do ano anterior, ampliou 55,8%. Esse resultado contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 58,3% na mesma análise. As variações mais fortes em termos regionais ocorreram em Ceará (71,3%), Minas Gerais (70,0%), Rio Grande do Sul (68,7%), e São Paulo (67,8%). Nessa comparação, a Bahia apontou a sétima variação positiva mais expressiva e o Rio de Janeiro (36,8%), a variação menos expressiva entre os locais.

Seguindo a mesma tendência do volume e da receita nominal das atividades turísticas, confirmando o bom desempenho do setor, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no terceiro trimestre de 2022, na Bahia, o setor de

turismo incorporou 3.174 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 15.373 admissões e 12.199 desligamentos. Tal resultado, mesmo relevante, se revelou menor do que o de um ano antes, já que o saldo no conjunto dos meses de julho a setembro de 2021 havia indicado o surgimento de 6.141 novos empregos celetistas naquele íterim (SEI).

No terceiro trimestre de 2022, na Bahia, a maioria dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo¹¹ exibiu saldo positivo – um total de 20 exatamente. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+1.382 postos), *Locação de automóveis sem condutor* (+664 vagas) e *Transporte rodoviário de táxi* (+333 postos). Por outro lado, *Atividades de museus e de exploração, restauração artística e conservação de lugares e prédios históricos e atrações similares* (-36 empregos), *Transporte aéreo de passageiros regular* (-19 vínculos) e *Transporte por navegação de travessia* (-13 vagas) foram aqueles com os piores resultados, exibindo mais desligamentos do que admissões (SEI).

O índice foi impulsionado, principalmente, pelo aumento na receita de empresas que atuam nos ramos de transporte aéreo de passageiros; restaurantes; hotéis; locação de automóveis; transporte rodoviário coletivo de passageiros; e serviços de bufê, contribuindo para atração e movimentação de turistas no estado. A ampliação das rotas de voos, a atração dos grandes congressos, o fomento ao empreendedorismo, a redução da informalidade e o aumento da competitividade dos destinos turísticos foram ações do governo do estado que contribuíram positivamente para o resultado significativo do turismo no estado da Bahia. Com isso, a expectativa é de manutenção do crescimento para o setor no ano de 2022, com uma taxa ainda considerável.

11 Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Ismael Barros da Silva
ismaelsilva@sei.ba.gov.br

O comércio global permaneceu inalterado entre agosto e setembro, com a queda nas exportações da Alemanha e da União Europeia (UE) e o declínio de 4,4% nas importações dos Estados Unidos sendo compensados por um aumento das importações da China e das exportações da Rússia.

Essa estagnação fez com que as rupturas nas cadeias de suprimentos diminuíssem com a redução da demanda por mercadorias nos Estados Unidos e na Europa.

O enfraquecimento na demanda internacional se reflete ainda na queda das taxas de frete de transportes. Em alguns casos, os valores das tarifas quase que retornaram aos níveis pré-pandemia, no início de 2020.

A Organização Mundial do Comércio (OMC), leva em conta uma alta do Produto Interno Bruto (PIB) global de 2,8% em 2022 e de 2,3% em 2023, bem inferiores à previsão anterior de 3,2%. Essas previsões estão em consonância com as de outras organizações internacionais.

Para este ano, a expansão das trocas globais será maior do que o estimado inicialmente, de 3,5%, ante projeção de 3% em abril. Mas a projeção de 1% em 2023, comparada à de 3,4% feita em abril, mostra a dimensão da deterioração na cena global.

Há sérios riscos de uma “recessão global induzida” na esteira de aumentos de juros nos países desenvolvidos, que deixam nações em desenvolvimento expostas a crises em cascata de dívida, saúde e clima. A diminuição da demanda de importações parece inevitável, com o comércio e a produção afetados pela guerra na Ucrânia, nível do preço de energia, inflação e o aumento dos juros nos países desenvolvidos.

As implicações, portanto, de longo prazo de recessões mundiais incluem mais pobreza e perda de produção maior e mais permanente, na esteira dos estragos causados pela covid-19, guerra na Ucrânia, inflação alta, insegurança alimentar, elevação de juros, valorização do dólar e crescente endividamento de países já vulneráveis.

O *Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento* (Bird) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) veem crescentes ameaças aos emergentes. Em reunião do G24 – um dos grupos de países em desenvolvimento mais influentes no banco e no FMI, que inclui países

como Brasil, Índia, México, África do Sul, Irã, Nigéria e Egito –, as instituições chegaram à conclusão que a desaceleração econômica é hoje mais forte do que em recessões globais anteriores, podendo representar contração de 3 pontos percentuais no Produto Interno Bruto (PIB) mundial entre 2021-2024.

No Brasil, a esperada desaceleração da economia vai sendo postergada pelos efeitos dos estímulos eleitorais concedidos pelo governo. Da mesma forma, o aperto monetário, que chegou ao fim (até segunda ordem), tem sido mitigado pela mesma razão, enquanto a inflação, excluído o efeito da retirada e diminuição dos impostos sobre combustíveis, cai a uma velocidade menor que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) cheio. O PIB deverá ser positivo no terceiro trimestre e é possível que avance marginalmente no último trimestre do ano. Acréscimos à renda, eleitores ou não, estão movendo o setor de serviços, que continua puxando o desempenho da economia.

Com esse cenário, o Ministério da Economia revisou para baixo a projeção para o resultado da balança comercial brasileira no encerramento de 2022, diante de um recuo na expectativa para exportações e uma alta na estimativa das importações. De acordo com a nova previsão da pasta, o saldo comercial do ano deve ficar positivo em US\$ 55,4 bilhões, ante projeção de US\$ 81,5 bilhões feita em julho. Com a revisão, se confirmado, o saldo do ano será 9,7% menor do que o observado em 2021 quando ficou positivo em US\$ 61,4 bilhões, resultado anual recorde. A mudança no cálculo foi impulsionada por um corte na projeção para as exportações, estimadas agora pelo governo em US\$ 330,3 bilhões, ante previsão de US\$ 349,4 bilhões previstos em julho. Pelo lado das importações, a projeção passou de US\$ 268 bilhões para US\$ 274,9 bilhões no ano.

Tabela 1
Balança Comercial
Bahia – Jan.-set. 2021/2022

Discriminação	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %
	2021	2022	
Exportações	7.322.417	10.528.885	43,79
Importações	5.344.435	8.997.821	68,36
Saldo	1.977.982	1.531.064	-22,59
Corrente de comércio	12.666.852	19.526.706	54,16

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 04/10/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

A Bahia superou os bons resultados registrados pelo país e no período jan./setembro deste ano atingiu o nível mais elevado da série histórica iniciada em 1997. No acumulado dos primeiros nove meses do ano, as exportações do estado atingiram US\$ 10,53 bilhões, com aumento de 43,8%, enquanto as importações já somam US\$ 9 bilhões, com incremento de 68,4%, ambos comparados a igual período de 2021.

O saldo comercial ficou superavitário em US\$ 1,53 bilhão (-22,6%), enquanto a corrente de comércio atingiu US\$ 19,53 bilhões, 54,2% acima do mesmo período de 2021.

Esse resultado das exportações baianas no ano foi obtido, mesmo com o declínio dos preços, principalmente das *commodities*, devido à desaceleração do crescimento da economia mundial.

No terceiro trimestre, os preços médios dos produtos exportados pela Bahia tiveram redução de 10,4% em relação aos preços médios praticados no segundo trimestre de 2022. Já o volume embarcado (quantum) cresceu 10,1% ante o trimestre anterior. Na comparação com o mesmo período de 2021 os preços ainda acusaram incremento de 19,2%, enquanto o quantum se elevou menos, em 7,5%.

Diferentemente do observado no primeiro semestre, o efeito preço continuou a sustentar o crescimento interanual das exportações, embora esse efeito mostre perda de força. A redução do ritmo do incremento médio dos preços vem ocorrendo desde agosto, e deve se manter no último trimestre de 2022, dada à freada no ritmo de crescimento da economia mundial e da consequente queda de cotações das *commodities* no mercado internacional.

No acumulado do ano os preços acusam crescimento de 19%, enquanto o volume embarcado (quantum) aumentou mais: 20,8%. Os dados no ano, até setembro, também apontam queda nos termos de troca, que estão mais favoráveis às importações, cujos preços subiram em média 35% no período, contra um aumento já citado de 19,04% nas exportações.

Ainda com relação ao segundo trimestre, a Bahia superou os bons resultados registrados pelo país, US\$ 4,5 bilhões em exportações, superior em 28,2% a igual período do ano anterior. No âmbito nacional o incremento foi de 16,1%. Já as importações somaram US\$ 3,2 bilhões, 110,3% acima do registrado no segundo trimestre de 2021, contra um aumento de 32,05% registrado pelo Brasil.

Apesar de todas as incertezas que pairam sobre o cenário externo, a demanda internacional por *commodities* se mantém firme, e os preços, embora tenham parado de crescer, encontram-se estabilizados também por estoques inferiores aos de anos anteriores. Segundo estimativas

do Banco Mundial, o indicador de preços de commodities agrícolas chegará a 123,2 pontos no fim de 2022 e terminará o próximo ano em 117,7 pontos.

A perspectiva de menor demanda à frente interrompeu a escalada dos preços de *commodities*, mas não necessariamente forçará uma acomodação brusca, em especial no caso das alimentícias, cujos balanços entre oferta e demanda tendem a seguir bem apertados, entre outros motivos, porque a demanda por alimentos (principalmente os mais básicos) é menos sensível a ciclos econômicos.

O destaque das vendas externas até setembro foi o incremento nas exportações de derivados de petróleo que cresceram 221,1% em relação ao mesmo período de 2021, embalados tanto pela alta dos preços internacionais do petróleo, quanto pelo aumento físico dos embarques que dobraram no período (101,6%), na comparação interanual.

A refinaria de Mataripe, como esperado desde sua privatização, deverá investir na unidade em 2023, R\$ 1,1 bilhão. Esse valor é, em média, 2,5 vezes a mais que o que vinha sendo investido na unidade que responde por 14% da capacidade de refino do Brasil.

bém as exportações do agronegócio contribuíram para o bom desempenho. As vendas do setor alcançaram US\$ 4,67 bilhões no acumulado do ano até setembro, 26,3% a mais que um ano antes. Tanto os preços médios dos produtos exportados quanto os volumes aumentaram – as altas foram de 19% e 6,2%, respectivamente –, colaborando para o cômputo, principalmente pelo efeito preço. Com esses resultados, a participação do agro nas exportações totais da Bahia atingiu 44,4% no período.

O complexo soja continua sendo o principal produto de exportação do setor, com vendas de US\$ 2,60 bilhões no período e incremento de 33,6% ante o mesmo período de 2021. Por causa do tempo da safra, plantada e colhida mais cedo em relação ao ano passado, as vendas foram volumosas atingindo no ano, até setembro, 4,44 milhões de toneladas, com uma variação positiva de 6% para igual período de 2021.

O nono Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para 2022, relativo ao mês de setembro, previu que o volume colhido da soja ficaria em 7,2 milhões de toneladas, o que corresponde a 6% acima do verificado em 2021. Dessa forma, a safra da oleaginosa na Bahia, atingiria safra recorde pelo terceiro ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,8 milhão de hectares (7,2% superior ao observado em 2021).

Já as exportações do setor devem render US\$ 3,2 bilhões para o estado neste ano, um valor pouco inimaginável há dois anos, quando as receitas ficaram US\$ 1,7 bilhão.

Exceto os derivados de petróleo, o setor químico/petroquímico mantém o melhor desempenho dentre os manufaturados com vendas de US\$ 1,17 bilhão, 28,1% acima ao igual período do ano anterior. A restauração do Regime Especial da Indústria Química (Reiq) a partir de 2023, benefício fiscal revogado por medida provisória no final do ano passado, foi parcialmente comemorada pelo setor, apesar de o governo ter condicionado o incentivo ao cumprimento de obrigações pela indústria.

Essa medida foi criticada pela associação que representa o setor, que vê quebra de acordo por parte do governo e aponta que o regime de incentivo para importação de matérias-primas petroquímicas, pode na prática voltar a não existir.

Em relação aos principais produtos exportados, o óleo combustível continuou a ser o principal produto exportado pela Bahia até setembro de 2022, com vendas externas de US\$ 2,9 bilhões, com incremento de 228,9% na comparação interanual. Em seguida, destacaram-se soja em grão (US\$ 2,12 bilhões e alta de 37,6%), celulose (US\$ 907 milhões e alta de 24,6%), algodão (US\$ 462 milhões com alta de 15,6%), bagaços de soja (US\$ 372,1 milhões e alta de 18,1%) e bulhão dourado (ouro), com vendas de US\$ 368,8 milhões e aumento de 15,3%.

As exportações desses seis produtos foram responsáveis por mais da metade das exportações baianas no período, alcançando 66% de participação.

Tabela 2
Exportações baianas – principais segmentos
Jan.-set. 2021/2022

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2021	2022			
Petróleo e Derivados	923.069	2.964.137	221,12	28,15	59,27
Soja e Derivados	1.946.417	2.600.763	33,62	24,70	26,16
Químicos e Petroquímicos	912.922	1.169.065	28,06	11,10	24,98
Papel e Celulose	736.232	918.288	24,73	8,72	15,24
Minerais	468.290	516.817	10,36	4,91	38,53
Algodão e Seus Subprodutos	402.377	468.369	16,40	4,45	26,83
Metalúrgicos	495.281	428.570	-13,47	4,07	-6,11
Metais Preciosos	396.654	413.492	4,25	3,93	66,47
Café e Especiarias	131.426	188.300	43,27	1,79	63,05
Cacau e Derivados	167.183	154.430	-7,63	1,47	2,17
Demais Segmentos	742.566	706.652	-4,84	6,71	18,14
Total	7.322.417	10.528.885	43,79	100,0	19,04

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Nota: Dados coletados em 04/10/2022.

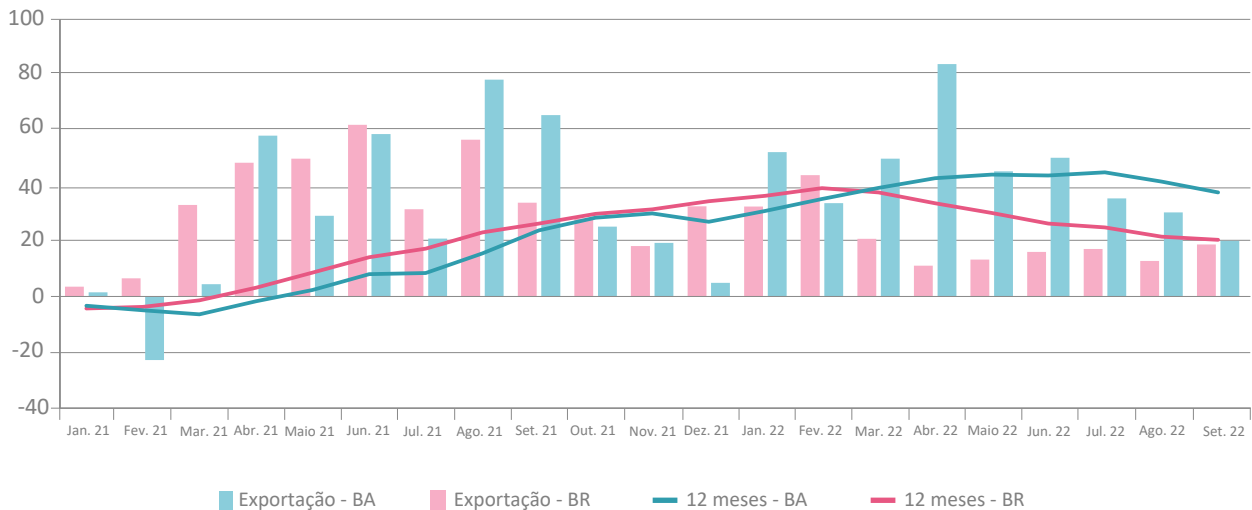
A China, que ocupa desde 2012 o posto de principal comprador dos produtos baianos, permanece na liderança dentre os principais destinos para as vendas externas da Bahia no período, com compras que totalizaram US\$ 2,52 bilhões. Esse valor foi 19% maior que em igual período do ano anterior, e teve uma maior participação dos preços médios que aumentaram no período de 13,8%, contra uma elevação nos embarques físicos de 4,5%.

O crescimento na China, a segunda maior economia do mundo, deverá cair para 3,2% este ano, em meio às paralisações causadas pela Covid-19 e à fraqueza do mercado imobiliário. Porém, o apoio político poderia ajudar a recuperar a expansão econômica em 2023, embora haja incertezas por conta das quebras de produção em virtude das políticas de Covid-zero. O país ainda recorreu em 2022 a firmes *lockdowns* contra o espalhamento do vírus, que interromperam as cadeias logísticas globais.

A China é um importante componente do comércio global. Em ritmo mais lento, traz impactos à atividade de uma gama de países, inclusive os emergentes. Além disso, o setor imobiliário, que representa cerca de um quinto da atividade econômica na China, está enfraquecendo rapidamente.

Ainda por conta da liderança do refino na pauta e do crescimento vertiginoso nas exportações de petróleo e derivados no período, Singapura (segundo maior importador do produto baiano) vem na segunda posição como destino das vendas externas estaduais, com US\$ 1,53 bilhão e crescimento de 123%, sendo que 99% referem-se a óleo combustível. O país respondeu por 16,5% das exportações baianas no período, desbancando os Estados Unidos do posto de 2º mais importante parceiro comercial da Bahia.

Gráfico 1

Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Exportações
Bahia/Brasil – 2021/2022

Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: SEI.

Nota: Dados coletados em 25/10/2022.

Na mesma base de comparação, as vendas para a União Europeia cresceram 63%, graças ao aumento da demanda e dos preços das *commodities*, principalmente soja e derivados de petróleo, além de celulose, minérios, café e químicos.

As vendas para a América do Norte subiram 29,4%, enquanto para a América do Sul subiram 122,8%, graças ao aumento das vendas de derivados de petróleo, químicos, derivados de cacau e pneumáticos. Para o Mercosul as exportações cresceram 74,1% no ano.

Ainda como informação relevante, na comparação com a região Nordeste, a participação das exportações baianas alcançou até setembro de 2022, 50% das vendas da região. Enquanto nacionalmente, a Bahia respondeu por 4,2% do total das vendas externas do país no período.

IMPORTAÇÕES

Puxadas por combustíveis e fertilizantes, as importações baianas, até setembro, ficaram acima do esperado e contribuíram para mais um recorde no período, e com a perspectiva de ao fim de 2022, se manter em nível robusto. Apesar dos gargalos logísticos e dos receios iniciais em relação à oferta de certos insumos, os desembarques de combustíveis, adubos e fertilizantes continuaram a crescer, ainda com preços mais altos, o que deve produzir novo recorde histórico também para as compras externas baianas.

No ano, o valor total das compras externas baianas avançou 24,8% no volume desembarcado, enquanto as despesas subiram 68,4%. No acumulado até o mês de setembro, as altas no quantum dos dois setores mencionados foram de 41,8% e 40%, enquanto nas despesas o crescimento chegou a 202,5% e 200,1%, respectivamente, sempre contra igual período do ano passado.

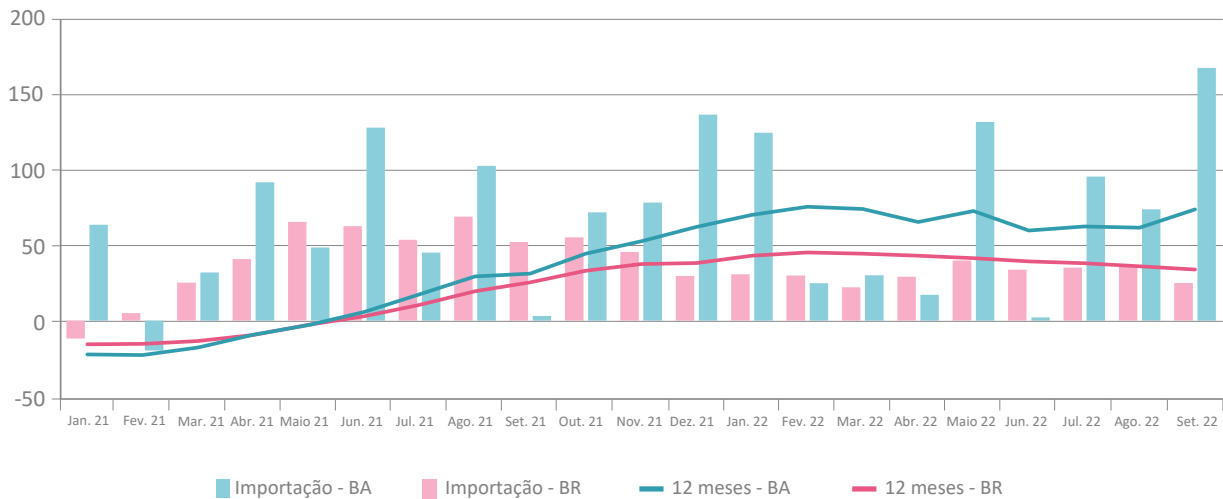
Esse aumento expressivo nas compras baianas aconteceu principalmente no terceiro trimestre, quando alcançaram seu maior valor do ano: US\$ 3,17 bilhões e crescimento de 110,3%, muito acima do registrado pelo país que foi de 32%. Isso tem origem nas compras de combustíveis (petróleo cru, gás, querosene, gasolina e óleo diesel) que cresceram 311,8% em valor e 125,9% em volume desembarcado, na comparação trimestral interanual.

O setor respondeu por mais da metade das compras externas do estado no período, com 57% de participação, seguido pelos fertilizantes com crescimento de 191,8% e participação de 9,4%. O nível de importação até setembro mostra que os desembarques devem ficar em níveis mais elevados que o esperado, em função da política de produção e preços da Acelen, bem como da expansão da produção agrícola.

Apesar do ritmo de crescimento das importações estar acima do das exportações no ano, os riscos para as perspectivas estão predominantemente inclinados para o lado negativo. A desaceleração da economia da China foi pior do que se previa, os reflexos econômicos da alta dos preços da energia e dos alimentos na Europa se intensificaram e os gastos do consumidor nos Estados Unidos ficaram abaixo do esperado no terceiro trimestre.

Gráfico 2

Varição do Crescimento do Comércio Exterior – Importações Bahia/Brasil – 2021/2022



Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: SEI.

Nota: Dados coletados em 10/08/2022.

Apesar do aumento dos preços de importação, a expectativa de incremento das compras externas, também tem seu componente puxado pela quantidade, em alguns itens. Isso é um bom sinal, de certa forma, porque, apesar dos gargalos logísticos e dos receios iniciais em relação à oferta de certos insumos, os desembarques de combustíveis, adubos e fertilizantes e produtos manufaturados estão acontecendo, embora com preços mais altos.

Os combustíveis, que responderam por 28,4% das importações do estado até setembro, embora tenham registrado maior variação nos valores (202,5%), ficou atrás das compras de bens intermediários (insumos e matérias primas) que ficou na liderança dentre as categorias de uso com US\$ 5,93 bilhões em compras no período e crescimento de 49,7%.

Tabela 3
Importações baianas por categoria de uso
Jan.-set. 2021/2022

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2021	2022	Var. %	Part. %
Bens Intermediários	3.964.272	5.932.739	49,66	65,94
Combustíveis e Lubrificantes	844.208	2.553.596	202,48	28,38
Bens de Capital	366.068	358.756	-2,00	3,99
Bens de Consumo Duráveis	169.882	139.266	-18,02	1,55
Bens não especificados	4,352	13.464	309.270,01	0,15
Total	5.344.435	8.997.821	68,36	100,00

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Notas: Dados coletados em 04/10/2022.

Importações efetivas, dados preliminares.

FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira
joaovieira@sei.ba.gov.br

Poliana Peixinho
poliana@sei.ba.gov.br

Marília Jane Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

As análises contidas no relatório do Monitor Fiscal do Fundo Monetário Internacional (FMI), de outubro, evidenciam as perdas sofridas por pessoas e empresas diante da ocorrência de grandes crises como a pandemia de Covid-19 e da guerra da Ucrânia. Ressalta também que desigualdades no acesso a políticas públicas básicas como educação e saúde tendem a amplificar os danos causados. Os picos de inflação sobre os preços dos alimentos e energia aumentaram os custos de vida, em especial os das pessoas de baixa renda. E uma possível vulnerabilidade nas redes de proteção e segurança, através da oferta de serviços de saúde e educação, tende a gerar perdas de rendimentos reais e de emprego, comprimindo ainda mais os orçamentos das famílias e levando-as à pobreza. De modo similar, uma queda severa na procura ou perda de acesso ao crédito tende a direcionar as empresas para a falência.

O Monitor destaca, nesse contexto, que as respostas fiscais durante graves crises foram maiores em economias avançadas do que em países de mercados emergentes ou de baixos rendimentos. A utilização de instrumentos fiscais em mercados emergentes é mais restrita em termos de espaços fiscais, o que tende a contribuir em menores perspectivas de crescimento.

No Brasil, a projeção é para a manutenção do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2,6% e 0,9%, em 2022 e 2023 respectivamente, sinalizando também menor crescimento da atividade econômica no terceiro trimestre. Passadas as eleições, o cenário para os próximos anos começa a ficar mais claro. A proposta do governo eleito, representada nesse momento pela chamada Proposta de Emenda à Constituição (PEC da Transição), inspira preocupação. Em síntese, a PEC retira do teto de gastos as despesas com o Auxílio Brasil (que deverá voltar a se chamar Bolsa Família) e investimentos (até um certo limite), além de despesas menores custeadas com recursos próprios, de convênios e de doações. A retirada, contudo, não implica recálculo do teto, abrindo um espaço de R\$ 103,3 bilhões dentro do limite para ser preenchido por novas despesas. Além disso, a promessa de ampliação do atual Auxílio Brasil deve custar R\$ 69,8 bilhões em 2023. O contexto macroeconômico não deve favorecer. O mundo crescerá menos com o aperto monetário rápido e sincronizado na maioria das economias avançadas, enquanto commodities e inflação doméstica deixarão de contribuir para a arrecadação.

Para a conjuntura da Bahia houve registro do aumento do PIB, de 3,2%, em relação ao trimestre do ano anterior, o que reflete numa perspectiva econômica de retomada da dinâmica produtiva no estado. Tendo em vista ainda que a arrecadação tributária é altamente beneficiada pelo desempenho econômico, observou-se também crescimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em R\$ 550 milhões no trimestre entre julho e setembro de 2022, em relação ao mesmo período de 2021. No que se refere ao desempenho do Fundo de Participação dos Estados e Distrito Federal (FPE), esse também foi de alta, quase R\$ 650 milhões a mais entre o trimestre de julho e setembro de 2022, em relação ao mesmo período de 2021. Nesse caso, pode-se atribuir esse aumento à recomposição dos impostos que compõem a base desse fundo, que são o Imposto de Renda e o Imposto sobre Produtos Industrializados. Assim, os dois principais itens de receita do estado da Bahia apresentam melhora neste exercício de 2022.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

PIB DA BAHIA cresce 3,2% no 3º TRIMESTRE e no ACUMULADO DO ANO DE 2022

Na comparação sazonal HOUE VARIAÇÃO POSITIVA DE 0,5%

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 3,2% no terceiro trimestre de 2022 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (3º trimestre de 2022 em comparação com o 2º trimestre de 2022), o resultado foi de 0,5%. O acumulado de janeiro a setembro de 2022, comparado com igual período de 2021, fechou com 3,2%.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2022(1)

Períodos	Taxas (%)
3º tri. 2022/3º tri. 2021	3,2
3º tri. 2022/2º tri. 2022 (sazonal)	0,5
Acumulado em 2022 (jan.-set.)	3,2

Fonte: SEI.

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

PIB em VALOR CORRENTE

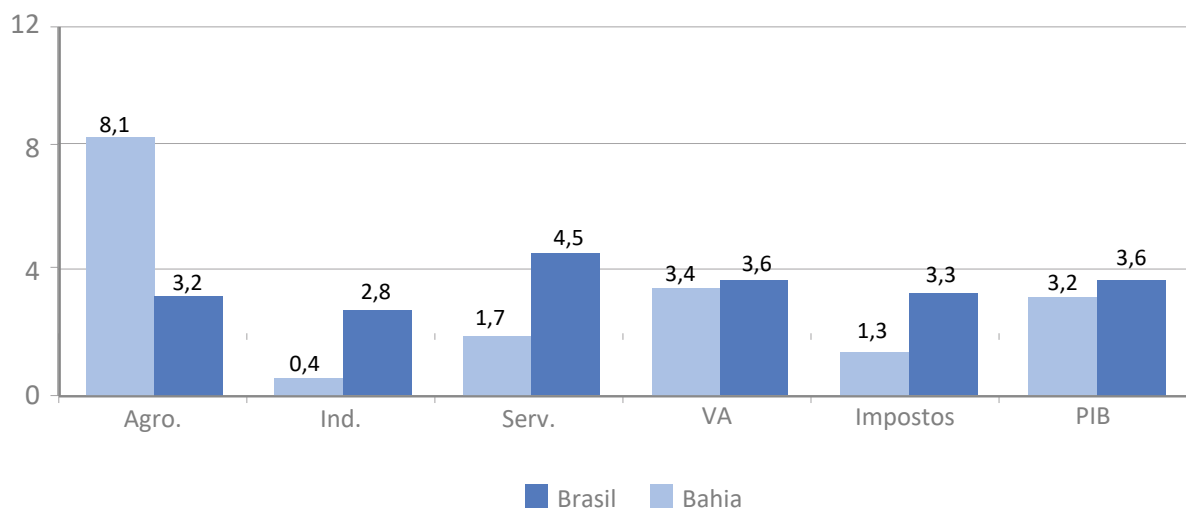
No 3º trimestre de 2022, o PIB totalizou R\$ 96,5 bilhões, sendo que aproximadamente R\$ 85,7 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 10,85 bilhões, aos Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou valor adicionado de R\$ 6,8 bilhões, a Indústria, R\$ 22,2 bilhões, e os Serviços, R\$ 56,7 bilhões.

No acumulado do ano de 2022, o PIB totalizou R\$ 308,3 bilhões, sendo R\$ 274,6 bilhões referentes ao VA a preços básicos e R\$ 33,6 bilhões, Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou Valor Adicionado de R\$ 43,6 bilhões, a Indústria, R\$ 64,2 bilhões e os Serviços, R\$ 166,8 bilhões.

3º TRIMESTRE 2022 / 3º TRIMESTRE 2021

Quando comparado a igual período do ano anterior, o PIB da Bahia expandiu 3,2% no terceiro trimestre de 2022. Em termos setoriais, o crescimento do PIB se decompôs na variação positiva no Valor Adicionado (+3,4%) e nos Impostos sobre produtos líquidos de subsídios (+1,3%); todos os três grandes setores registraram expansão positiva: Agropecuária (+8,1%), Indústria (+0,4%) e Serviços (+1,7%).

Gráfico 1
Variação das atividades do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 3º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

Elaboração: SEI/IBGE (2022).

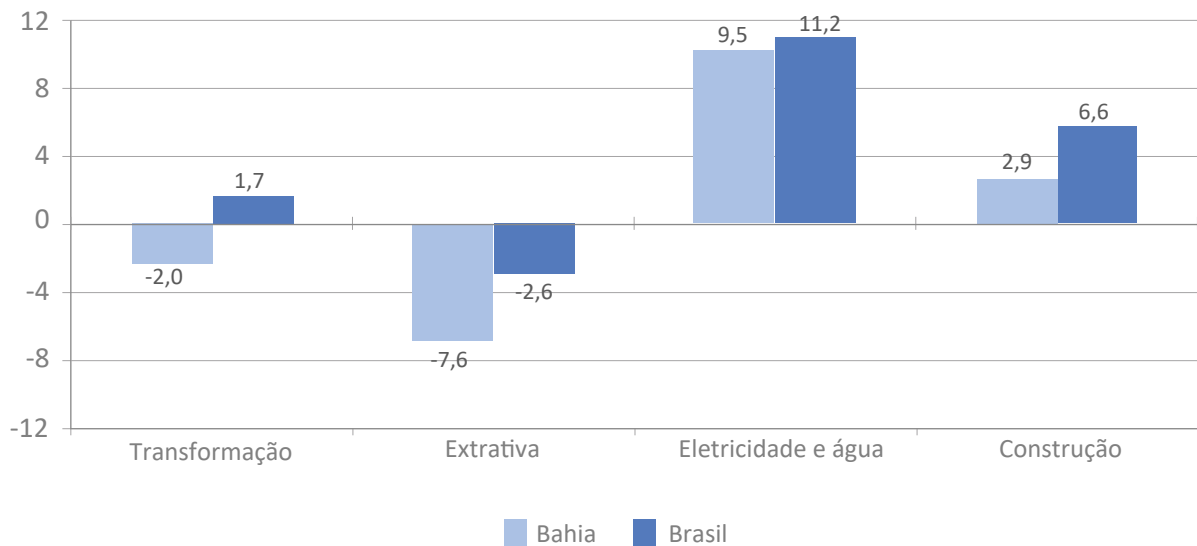
Notas: (1) Variação no segundo trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Segundo os dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI, o crescimento do Valor Adicionado do setor agropecuário foi de 8,1%. Destaques para as taxas de crescimento de Soja, Algodão, Cereais, Café, Cana-de-açúcar e Laranja. Em contrapartida, a produção das lavouras permanentes, das lavouras temporárias, e de fumo registrou desempenho negativo no terceiro trimestre.

A taxa do setor **industrial**, da Bahia, no 3º trimestre foi de 0,4%. As taxas positivas do setor foram identificadas nas atividades de *Eletricidade e água* (+9,5%) – beneficiadas pelas bandeiras tarifárias verdes – e na *Construção* (+2,9%). Os recuos ficaram por conta das atividades da indústria de transformação e das indústrias extrativas com taxa de -2,0% e -7,6%, respectivamente.

Gráfico 2
Variação das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 3º tri. 2022(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

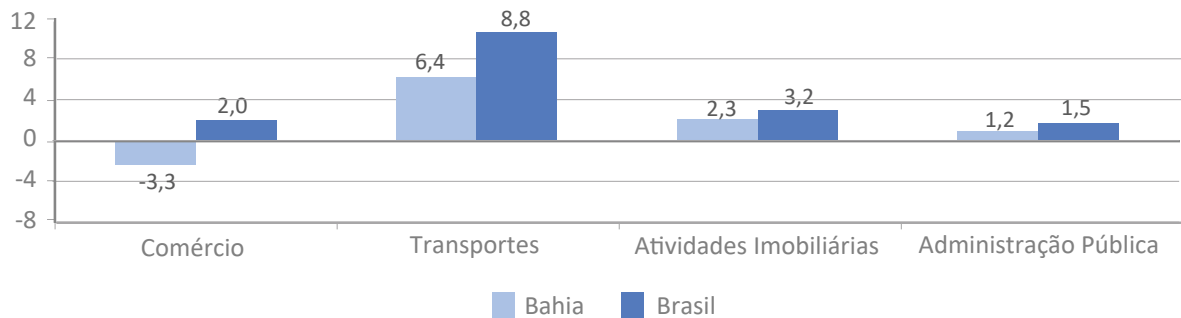
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de serviços registrou crescimento de 1,7% no terceiro trimestre favorecido pela alta das atividades de transportes (+6,4%); atividades imobiliárias (+2,3%) e Administração pública (+1,2%). A exceção foi o Comércio que recuou 3,3% no 3º trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Esse recuo sinaliza a realocação do consumo das famílias dos bens para os serviços. Destaca-se ainda o crescimento no grupo Outros Serviços¹², com expansão de 10,3%, decorrente da recuperação das atividades voltadas para as famílias.

¹² Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

Gráfico 3
Varição das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 3º tri. 2022(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

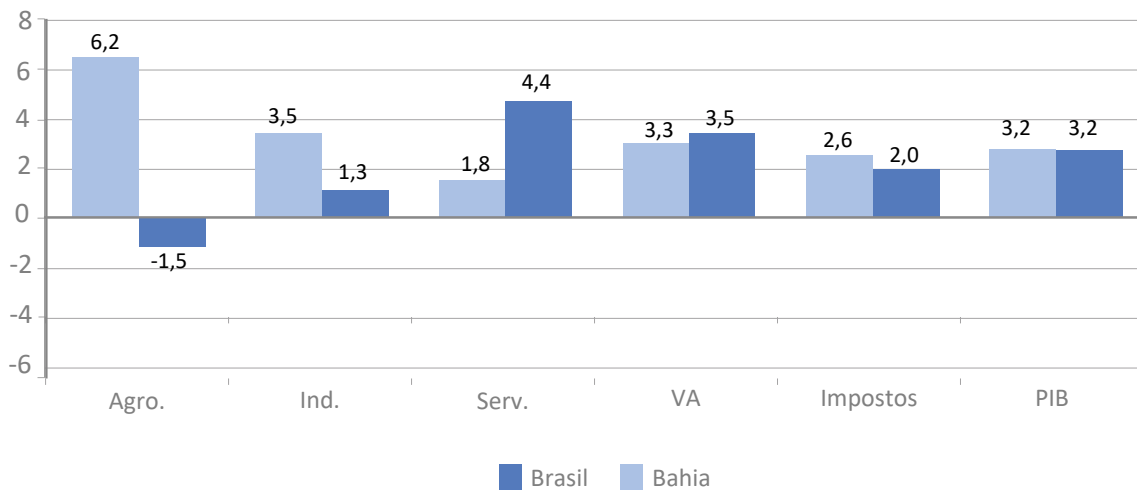
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Acumulado no ano (Janeiro a Setembro de 2022)

O PIB baiano acumulado de janeiro a setembro de 2022 registrou expansão de 3,2% (diante do registrado no acumulado de 2021). O Valor Adicionado expandiu 3,3%, e os Impostos sobre produtos líquidos de subsídios, alta de 2,6%. A Agropecuária variou em 6,2%, a Indústria 3,5% e os Serviços cresceram 1,8%. O destaque positivo ao longo do ano ficou por conta da agropecuária e do setor industrial, puxado pela alta de três das quatro atividades industriais.

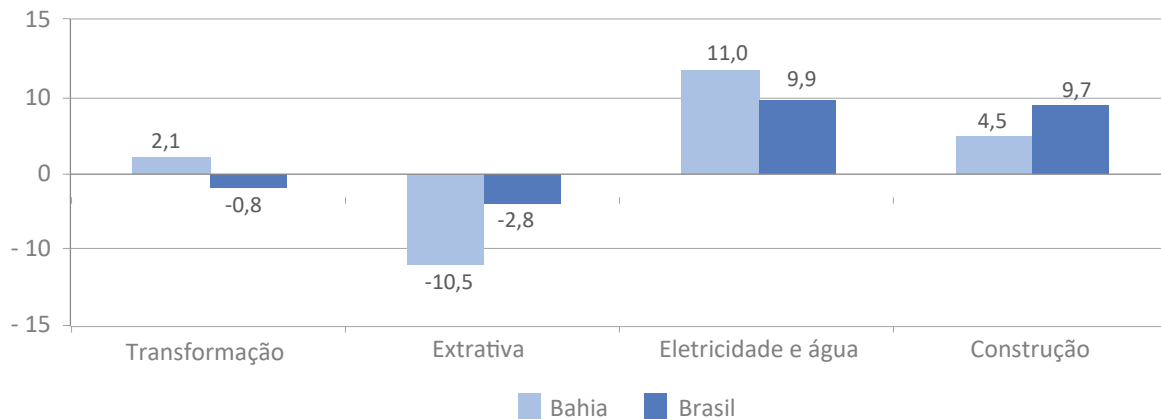
Gráfico 4
Varição dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 3º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).
 Elaboração: SEI/Distat/Coref.
 Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.
 (2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do setor agropecuário baiano no acumulado do ano foi de 6,2%. O resultado positivo deve-se à boa safra de grãos, com alta de 8,2%, sendo estimado uma produção total de, aproximadamente, 11,4 milhões de toneladas (safra recorde de grãos).

Gráfico 5
Variação das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 3º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

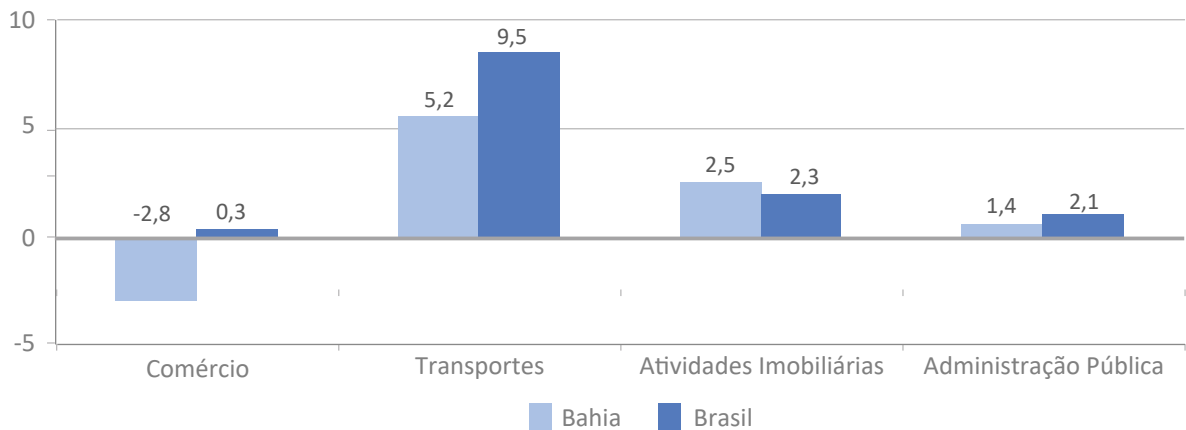
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

A taxa do setor industrial da Bahia foi de 3,5% no acumulado do ano (janeiro a setembro de 2022). Das quatro atividades, três registram alta no setor. A Indústria de transformação fecha os nove primeiros meses do ano com taxa de 2,1%; a Eletricidade e água com 11,0%; e a Construção 4,5%. A queda ficou com as indústrias extrativas -10,5%.

Gráfico 6
Varição das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 3º tri. 2022(1)



Fonte: SEI/IBGE (2022).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O **setor de Serviços** da Bahia teve alta de 1,8% de janeiro a setembro, com destaque para os acumulados positivos nas atividades de *Transportes* (+5,2%); *Imobiliárias* (+2,5%); e, *Administração pública* (+1,4%). A queda ficou por conta do *Comércio* (-2,8%). A atividade *Outros Serviços* registrou alta de 6,0% nos nove primeiros meses do ano. O impacto positivo no setor dos serviços (representa 68% do PIB do estado) foi significativo no resultado final do PIB baiano neste acumulado do ano.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

Sob a ótica dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o mercado de trabalho baiano continuou evoluindo no terceiro trimestre deste ano (sob o ponto de vista de muitas das variáveis, mas não todas). No entanto, a despeito de melhorias relativas diversas, alguns desses indicadores ainda apontam para um cenário complicado em nível. Assim, sem dúvida, há espaço para avanços, resta saber se o dinamismo econômico necessário para tanto será retaguarda para tais progressos. Para o curto prazo, pelo menos, as expectativas se mostram favoráveis ao prosseguimento dessa recuperação. Para o médio e longo prazos, entretanto, as incertezas ganham corpo.

De acordo com os dados do Caged, de julho a setembro deste ano, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado continuou se expandindo, incorporando 46.852 novos registros. Ao fim do terceiro trimestre de 2022, portanto, a Bahia passou a contar com 1.922.422 vínculos celetistas ativos, uma elevação de aproximadamente 6,94% sobre o quantitativo de 1.797.652 do início do ano (estoque de referência) – ou seja, 124.770 novos postos de trabalho nos nove primeiros meses de 2022¹³. Dessa forma, a Bahia concentrou 27,45% e 4,49% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – dispondo, assim, do maior volume de empregos do Nordeste e do sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Com o resultado mais recente, saldo de 46.852 novos postos, a Bahia completou nove trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal, ou seja, o estado não registra perda líquida em um trimestre desde a ocorrida no segundo trimestre de 2020 por conta dos desdobramentos da pandemia de Covid-19 em território brasileiro. Em relação aos trimestres de referência, o saldo atual se revelou maior, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 45.328 e 44.373 novos vínculos no trimestre imediatamente antecedente e no de um ano antes, respectivamente. Além do mais, não se pode deixar de pontuar, o terceiro trimestre deste ano registrou o maior saldo dos últimos 16 anos pelo menos¹⁴.

¹³ Desde o início de 2020, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, vem-se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes. Em breve, no entanto, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o sistema Caged.

¹⁴ Dado a natureza distinta de captação das informações decorrente da implantação do eSocial e a maior cobertura (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados ao Caged), as comparações com dados de anos anteriores

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do terceiro trimestre de 2022 na Bahia. O mês de agosto foi o de maior geração líquida de postos, com 17.828 novas vagas – aliás, melhor resultado mensal do ano até agora e maior saldo desde agosto de 2021. Os meses de julho e setembro testemnharam excedentes um pouco menos destacados, com surgimento de 13.379 e 15.645 novos postos, respectivamente – no entanto, ainda o quarto e o quinto maiores saldos do ano, reforçando uma geração considerável ao longo do trimestre. Dos meses do trimestre, apenas o mês de agosto não evidenciou desempenho superior ao de um ano atrás, já que julho e setembro exibiram saldo maior agora do que no ano passado.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de julho a setembro deste ano, com 786.765 postos a mais. Ademais, todas as regiões geraram postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (+349.184 postos) evidenciou a melhor situação e o Norte (+56.354 postos) exibiu a cena menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em todas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 46.852 oportunidades ocupacionais, ficou na quarta posição, a mesma verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Pernambuco (+44.863 vagas) e Piauí (+5.327 postos) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no período, respectivamente.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia no terceiro trimestre deste ano alcançou todos os cinco grandes estratos setoriais, já que houve geração líquida de postos em cada um deles. A atividade de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 20.095 trabalhadores no período. A *Indústria geral*, com 8.994 novos vínculos, e a *Construção*, com 8.003 novas vagas, também indicaram saldos relativamente estendidos, assumindo o segundo e o terceiro melhores resultados entre as atividades. Em seguida, com saldos positivos menos protuberantes, vieram o setor do *Comércio* (+6.052 postos) e da *Agropecuária* (+3.708 vagas)¹⁵. Por fim, importante frisar, segundo os dados do Caged, o estoque de vínculos celetistas atual já se encontra em patamar superior ao do período pré-pandemia para cada um desses grupamentos.

Com base no levantamento mais recente da PNADC, observa-se que o mercado de trabalho baiano também experimentou avanços no terceiro trimestre deste ano (principalmente,

ao de 2020 devem ser realizadas com cautela (ou seja, compreendendo-se que a comparabilidade não se mostra ideal). Informações adicionais em <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-novo-caged>.

¹⁵ Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária* e *Comércio*, nessa ordem.

nas comparações interanuais). Os progressos, entretanto, não se deram de forma irrestrita, visto que nem todos os indicadores progrediram segundo essa fonte de dados, além do que alguns deles ainda se encontram em níveis considerados adversos ou desfavoráveis, como, por exemplo, o rendimento médio real mensal, cujo valor ainda se encontra muito abaixo do que já foi um dia.

A taxa trimestral de desocupação, costumeiramente o indicador de maior repercussão, recuou levemente na margem (de forma não significativa), passando de 15,5% para 15,1% da população na força de trabalho baiana – indicando uma queda de menor intensidade agora (recoo de 0,4 ponto percentual) do que na passagem do primeiro ao segundo trimestre (contração de 2,1 pontos percentuais). A dinâmica de encolhimento observada agora, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano nessa época (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido visto em quase todos os anos da série, exceto em 2015, 2016 e 2020 (não coincidentemente anos de crise). Em um ano, também houve recuo, já que estava em 18,7% no mesmo trimestre de 2021 – aliás, a terceira maior retração interanual da história (queda de 3,6 pontos percentuais).

A estimativa mais recente do desemprego na Bahia (15,1%), dessa maneira, assumiu o menor valor desde o quarto trimestre de 2017 (quando também havia sido de 15,1%) e o mais baixo patamar para um terceiro trimestre desde o ano de 2015 (13,0%). No entanto, importante mencionar, a taxa ainda se mostrou bem acima do seu menor valor histórico, ocorrido no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local. Ou seja, apesar da melhora, é preciso ter em mente que a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da pesquisa – aguardando, na verdade, um dinamismo mais pujante da economia para voltar a um patamar mais razoável.

Além da Bahia, outras 24 unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação) – no caso, apenas duas apresentaram variação para cima (Pernambuco e Tocantins). A maior retração (absoluta e relativa), por sinal, ocorreu em Rondônia. Do mais, pelo terceiro intervalo consecutivo, a maior estimativa continuou sendo a da Bahia – fato que não ocorreu por três oportunidades em sequência antes disso, já que do segundo ao quarto trimestre de 2021, o indicador no estado havia sido o segundo maior do país. Na outra ponta, Santa Catarina (3,8%) e Mato Grosso (3,8%) apresentaram as menores taxas entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduz em um percentual praticamente quatro vezes maior do que o observado nos territórios catarinense e mato-grossense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 8,7% e 12,0%, respectivamente.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou queda tanto na ocupação (-0,4% ou menos 27 mil ocupados) quanto na desocupação (-3,1% ou menos 34 mil desocupados). De forma mais ampla, entre trimestres consecutivos, a ocupação voltou a recuar após ter aumentado, enquanto a desocupação diminuiu pela segunda vez consecutiva. No comparativo interanual, por sua vez, houve aumento de pessoas trabalhando (+3,7% ou mais 212 ocupados) e redução de pessoas procurando por trabalho (-19,9% ou menos 267 mil desocupados). Enfim, com menos gente ocupada na margem, o encolhimento recente da taxa de desocupação foi favorecido por um contexto com menos indivíduos na força de trabalho (nutrido por uma menor pressão no mercado de trabalho).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de julho a setembro de 2022 na Bahia, com 6,010 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar da retração na margem, ainda se revelou o segundo maior desde o registrado no último trimestre de 2015 (6,282 milhões) – superando em muito o menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de Covid-19). Esse montante, porém, vale recordar, já foi de 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada, por sua vez, ficou em 1,070 milhão de indivíduos, menor volume de baianos desocupados em quase cinco anos e o menor quantitativo em um terceiro trimestre desde o visto em 2015 (943 mil) – já tendo sido, todavia, de 691 mil indivíduos no terceiro trimestre de 2014. Por fim, após ter recuado, o número de pessoas fora da força de trabalho voltou a subir, chegando a 5,054 milhões – oscilação desfavorável, já que mantém tal quantitativo num patamar maior do que qualquer outro de antes da pandemia, com potencial assim para repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente comparativamente ao imediatamente anterior, o número de informais encolheu após ter aumentado. O quantitativo de formais também se retraiu, interrompendo uma trajetória de cinco altas seguidas. A diminuição do montante de formais (-24 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude maior do que a queda da ocupação na informalidade (-2 mil pessoas). Ou seja, a contração atual da ocupação no estado se deu mais pelo canal da formalidade – o que acarretou uma leve expansão do grau de informalidade na margem. Assim, com uma dispensa maior de trabalhadores do polo protetivo, o recuo geral da ocupação termina assumindo um caráter ainda mais deletério, pois tende a enfraquecer uma via mais qualificada de recuperação do mercado de trabalho. Por fim, o período de julho a setembro de 2022 contabilizou 3,206 milhões de ocupados na informalidade e 2,804 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa

forma, ficou em 53,3% (ante 53,1% no segundo trimestre), o quinto maior do país. No Brasil como um todo, 39,4% dos trabalhadores se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no terceiro trimestre de 2022, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.729 – simplesmente, o terceiro menor da história para o estado e o segundo mais baixo entre as unidades federativas (acima apenas ao do Maranhão, estimado em R\$ 1.697). Dessa maneira, o rendimento médio baiano se mostrou equivalente a 63,17% do rendimento médio brasileiro, que foi de R\$ 2.737 no referido trimestre. Em relação ao mesmo intervalo de 2021, quando estava em R\$ 1.745, houve queda de 0,9% (ou seja, menos R\$ 16) – a oitava retração seguida nessa base de comparação. Num confronto com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.711, ocorreu uma variação positiva de 1,1% (mais R\$ 18), indicando alta após ter diminuído.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 10,063 bilhões, o maior montante desde o primeiro trimestre de 2020 – significando uma elevação de 0,5% frente ao do segundo trimestre deste ano (de R\$ 10,008 bilhões) e de 3,8% no comparativo com o total do mesmo período do ano antecedente (cujo valor havia sido de R\$ 9,697 bilhões). Assim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou pela terceira vez seguida na margem – por sinal, elevação decorrente exclusivamente do aumento do rendimento médio dos trabalhadores, já que o número de pessoas trabalhando decresceu do segundo ao terceiro trimestre deste ano. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente também significou a terceira expansão consecutiva depois de um período com sete quedas em sequência – mas, neste caso, a alta se deu por conta do aumento da ocupação, visto que o rendimento médio de todos os trabalhos encolheu em um ano.